

O Museu Visita a Escola

Vol. 1

Guia para professores Sala Didática do MAE

m
AE

MUSEU DE
ARQUEOLOGIA E
ETNOLOGIA
UFPR

Editora
UFPR

○ Museu Visita a Escola

- Etnologia
- Arqueologia
- Cultura Popular
- Ação Educativa

Etnologia

Introdução

Elemento constituinte na conformação da população do Brasil atual, os povos indígenas são, entretanto, grandes desconhecidos para a maior parte das pessoas, o que alimenta e reforça preconceitos contra eles. Um primeiro preconceito se reflete no próprio uso da palavra “índio”, termo genérico usado habitualmente para se referir a todos os coletivos indígenas, desatendendo a uma das suas características mais destacáveis: a diversidade. Da mesma forma que não existe uma forma genérica de ser homem, e sim formas específicas, não existe uma forma genérica ou única de “ser índio” e sim formas particulares de modos de ser entre esses coletivos humanos que chamamos de “indígenas” ou “índios”, e que agrupamos entre si por compartilharem o fato de serem descendentes das populações que habitavam o continente americano quando da chegada dos europeus. O uso acrítico de termos genéricos encobre a realidade da riqueza cultural e linguística das populações indígenas existentes no Brasil. Evidência dessa riqueza é a existência de aproximadamente 238 povos e cerca de 180 línguas indígenas diferentes, das quais aproximadamente 40% se agrupam em dois grandes troncos linguísticos (Tupi e Macro-Jê) e as 60% restantes se organizam em 19 famílias linguísticas diferentes que não estão integradas em nenhum tronco.

Outro preconceito muito comum é o de considerar que o fato de não se apresentarem com os sinais diacríticos que a cultura ocidental atribui às populações indígenas, implica que estas perderam sua cultura, que elas já não são mais depositárias de uma identidade indígena. A negação da identidade e da cultura indígena a essas populações tem implicações políticas, entre outras, de grande repercussão, porque é com base nesses aspectos que a legislação brasileira garante determinados direitos, como o acesso à terra ou a políticas públicas diferenciadas no âmbito da saúde e da educação. Como argumenta o conceituado etnólogo Eduardo Viveiros de Castro (2006), índio não é uma questão de parecer (se leva cocar de pena, usa arco e flecha ou tem o corpo pintado) e sim uma questão de “estado de espírito”. Por

Acervo do MAE/UFPR.

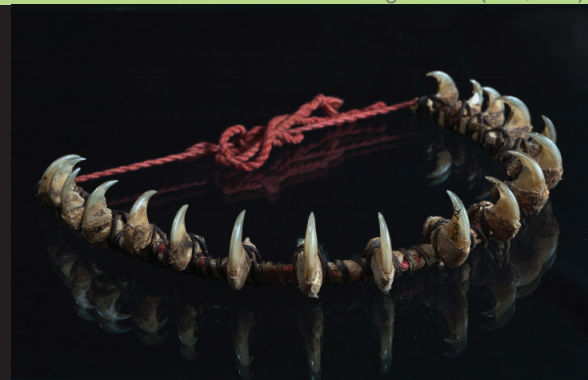


Mapa de terras indígenas indicando a localização dos grupos representados na exposição através dos seus objetos.

Coroa bororo

A coroa, chamada em bororo *Adúgo buréji*, é fabricada no contexto dos rituais funerários, que são constituídos de várias etapas. Uma delas consiste em caçar uma onça, o qual é concebido como um ato de vingança pela morte da pessoa que faleceu. Escolhe-se um caçador que deve pertencer à metade oposta a do falecido. É a alma do morto, invocada durante o ritual, que indica o local onde a onça será encontrada. Morta a onça, o couro, os dentes e as garras são objeto de tratamento e de vários procedimentos rituais. Com os dentes é feito um colar que é entregue à mãe ou a outro parente do morto. No caso da coroa de garras, o destinatário final é um rapaz parente do morto (COLBACCHINI & ALBISETTI, 1942).

Douglas Fróis (MAE/UFPR)



Adúgo buréji

outro lado, a mudança constante e a transformação é uma característica inerente das culturas humanas, de forma que é impensável a existência de qualquer coletivo humano que se mantenha imutável ao longo do tempo. Porém, transformação cultural não implica nem perda cultural nem inautenticidade. As culturas se transformam nos seus próprios termos e os significados atribuídos às inovações e apropriações do exterior são particulares de cada uma delas.

As peças mostradas na exposição são uma janela para nos debruçar sobre esses modos de entender e estar no mundo e refletem essa diversidade. Peças que podem, em princípio, parecer similares, comportam dimensões e significados específicos que as torna totalmente diferentes. Nesse sentido, o Museu nos oferece a possibilidade de ampliar nossos horizontes conceituais e estéticos através da experiência da alteridade.

Corporalidade e Ornamentação

No imaginário ocidental as populações indígenas estão definitivamente associadas às vistosas ornamentações, especialmente às fabricadas com penas. Além do seu exotismo, elas têm um inegável apelo estético. Mas o que a olhos ocidentais são apenas objetos ornamentais com o objetivo de tornar a pessoa mais bonita, na prática e no entendimento indígena adquirem vários outros significados que variam de um povo para outro. No que se refere à ornamentação corporal, além dos adornos, devemos considerar também a pintura que é aplicada na pele e, em alguns casos, no cabelo. Para a elaboração dos grafismos que recobrem a pele e cujas formas, significados e objetivos variam enormemente de um grupo para outro, se usam basicamente dois produtos vegetais: o urucum, de cor vermelha, e o jenipapo, de cor azul escuro.

Apesar da variabilidade entre os diferentes grupos, podemos apontar três aspectos principais que de forma recorrente definem os usos e significados da ornamentação corporal. O primeiro desses aspectos é que ela está, em muitos casos, associada aos diferentes momentos do ciclo vital, estando presente tanto nos momentos rituais quanto no cotidiano. Os enfeites ka'apor, por exemplo, são usados principalmente em contextos rituais, sendo o principal deles o de nomeação das crianças. Alguns são de uso exclusivamente masculino, como o labrete (*rembé-pipó*), outros de uso exclusivamente feminino e, outros, como o pente exposto (*kiwaw-putir*), são usados tanto por homens quanto por mulheres. Em certos casos, portanto, os ornamentos são marcadores tanto de gênero quanto de idade. A esse respeito, o caso dos Karajá pode servir como exemplo. Eles usam denominações específicas para se referir às pessoas dependendo da sua idade e gênero. Como em muitos outros grupos indígenas, a passagem da infância para a adolescência está marcada per

um ritual de iniciação - sobre o qual falaremos na frente - que implica, entre outras coisas, a imposição de certos ornamentos. Tipos de enfeite, grafismos na pintura corporal e cortes de cabelo são indicadores dessas diferentes fases do ciclo vital. Um exemplo são os brincos: os *kué* são usados por moças karajá solteiras e por crianças de ambos os sexos, mas quando os meninos passam pelo rito de iniciação masculina passam a usar os *dohoruè* (ambos os tipos estão expostos na Sala Didática). Da mesma forma a coifa (*lori-lori*) é um ornamento próprio das crianças, principalmente meninos.

Em outros casos, os ornamentos estão associados às divisões internas, tais como metades, clãs ou linhagens, através das quais se organizaram algumas sociedades indígenas. Entre os Bororo, por exemplo, em meio ao grande conjunto de ornamentos por eles usados, existe uma diversidade de brincos - que variam em formas, tamanho e materiais usados -, cada um deles de uso exclusivo de determinada linhagem (ALBISETTI & VENTURELLI, 1962: 423-425). Igualmente entre os Kayapó existe um complexo sistema ritual de transmissão e exibição de bens rituais, principalmente nomes e ornamentos, que tornam uma pessoa bela (*mejx*).

O conjunto de ornamentos que uma pessoa tem o direito de usar durante os rituais está definido em grande medida pelo que ela recebeu de seus parentes. Dessa forma, tipos de colares, de brincos, de cocares - como os que fazem parte da exposição -, ou pequenos detalhes - como o tipo de penas usadas nos cocares ou leves modificações em ornamentos genéricos - constituem privilégios que estabelecem distinções entre as pessoas, umas consideradas vulgares e outras consideradas belas. A possibilidade que uma criança tem

Acervo do MAE/UFPR.



Criança karajá.

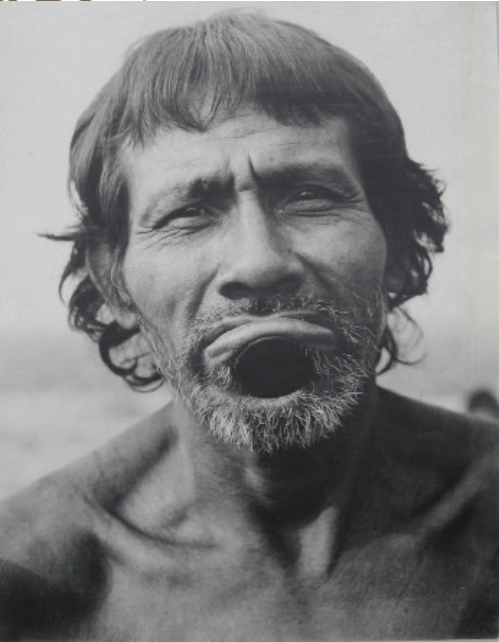


Homem ka'apor paramentado.

de passar pelos diferentes rituais e de, gradualmente, ir adquirindo nomes e ornamentos, depende da capacidade da sua família para patrocinar essas festas, produzindo alimentos suficientes para oferecer aos numerosos participantes durante as várias semanas que podem chegar a durar. Dessa forma, a beleza de uma pessoa está diretamente associada à rede de relações sociais na qual ela e seus pais estão inseridos (GORDON, 2011). Beleza, portanto, é um conceito que não se refere exclusivamente a aspectos estéticos, mas também sociais e éticos.

O último aspecto é que os ornamentos entre os povos indígenas estão diretamente relacionados com o desenvolvimento de qualidades éticas e produtivas socialmente valoradas. Entre alguns povos Jê, como os Kayapó e os Krahó, a perfuração das orelhas, o paulatino alargamento dos buracos e o uso de auriculares ou brincos têm o propósito de promover o desenvolvimento de uma qualidade

Acervo do MAE/UFPR.



Homem kayapó com botoque.

altamente valorada: saber escutar e receber os conselhos dos mais velhos. Igualmente, entre os Kayapó a perfuração do lábio inferior e o uso progressivo de botoques cada vez maiores visam desenvolver a capacidade oratória dos homens. Escutar e falar, de outro lado, estão na base do conceito de amor entre os Kayapó. Se trata de um comportamento social e afetivo adequado, e que implica o desejo ativo de se envolver numa relação de solidariedade e afeição. Isso tem um reflexo lingüístico: o termo usado para se referir ao amor significa literalmente “escutar a” (TURNER, 1995).

Em muitos casos, os processos através dos quais se desenvolvem as capacidades produtivas e as qualidades éticas dos jovens são precisamente os chamados rituais de iniciação que envolvem, em geral, a reclusão durante tempo variável - costuma ser de vários meses -, o controle da alimentação, o aprendizado de técnicas (como a fabricação de objetos diversos) e de conhecimentos (cantos, mitos, etc.) e a imposição de ornamentos. Entre diversos povos do Alto Xingú, por exemplo, o ritual de iniciação tem por objetivo tornar os jovens em homens fortes e belos; bons lutadores de *huka huka* (a luta ritual praticada no Xingú); e capazes de desenvolver adequadamente as atividades produtivas próprias do seu gênero, como a pesca e a caça. O início do ritual está marcado pela perfuração das orelhas dos jovens, que posteriormente poderão usar os brincos de penas

de tucano. Os brincos fazem parte do conjunto de ornamentos rituais básicos entre os povos dessa região, junto com as braçadeiras e as diademas. O uso de braçadeiras, por exemplo, contribui para conformar os corpos segundo o ideal xinguano: durante o ritual de iniciação são amarradas fitas nos braços e nas pernas para aumentar o volume dos bíceps e das panturrilhas. Bíceps e tornozelos reforçados são considerados belos e são índice da fortaleza esperada em um corpo masculino. O uso das braçadeiras emplumadas durante os rituais, amarradas no lugar das fitas, tem o objetivo de destacar a aparência e a força física dos braços. No caso do ritual de iniciação feminina, as meninas ficam reclusas durante vários meses ao longo dos quais, além de aprender a fabricação de objetos associados a seu gênero, seu corpo será também manipulado para adquirir o volume, as curvas e a robustez desejáveis num corpo feminino. O análogo simbólico feminino dos brincos que os meninos começam a usar após o ritual de iniciação é o *uluri*, um tipo de cinto que marca a maturidade da menina e a torna bonita aos olhos dos rapazes (GREGOR, 1982).

No caso karajá, a iniciação masculina está constituída por um ciclo ritual complexo, chamado *Hetohoky*, que envolve a visita à aldeia de diversos seres sobrenaturais, personificados através das máscaras. O principal objetivo é transformar o corpo do menino: simbolicamente, o iniciando despe-se do corpo de criança e assume o de ariranha durante o processo iniciatório, reintegrando-se à sociedade como homem no final do processo. A associação à ariranha se explica pelo comportamento desse animal, valente, violento e bom pescador, qualidades esperadas nos futuros homens. Numa das etapas do ritual, o menino deve ficar sentado no banquinho *korixà*, o qual significa sua admissão na Casa dos Homens, à qual as mulheres têm a entrada proibida

Acervo do MAE/UFPR.



Homem com criança do Alto Xingú.

(TORAL, 1992).

Em conclusão, o uso de ornamentação faz parte de um amplo conjunto de procedimentos, variáveis de um povo para outro, que pretende, através da construção e manipulação do corpo, produzir pessoas com qualidades éticas e estéticas que se conformem aos critérios culturais próprios. Ao mesmo tempo, ornamentos e pinturas corporais constituem uma forma de linguagem através da qual são comunicadas diferentes informações, segundo os casos: a pertença a determinados segmentos sociais, a idade, a situação ritual (por exemplo, situações de reclusão por diversos motivos), a riqueza ou o estado de ânimo, que faz a pessoa se empenhar em maior ou menor grau no seu embelezamento para aparecer frente aos outros.

Cosmologia e Xamanismo

No pensamento das sociedades indígenas, os seres humanos estão inseridos num universo social que não está composto apenas por eles, mas também por muitos outros tipos de seres – como animais ou diversas entidades que nós classificaríamos como espíritos de forma geral, mas cujo conjunto é altamente heterogêneo. Apesar da diversidade de cosmologias existentes, estas partilham algumas ideias que atualmente, na área da Etnologia, são conhecidas como perspectivismo (VIVEIROS DE CASTRO, 1996). Todos os seres, para além da sua aparência e do seu corpo, que é a forma como são enxergados pelos seres humanos, têm uma essência humana, ou seja, eles se percebem a si mesmos como seres humanos e vivem conforme costumes humanos. Uma onça, por exemplo, não se percebe como tal, mas como ser humano que mora com sua família numa casa e se dedica a atividades humanas. Entretanto, poderá ver os seres humanos como animais de caça, e o que ela come não como carne crua, mas como alimentos cozidos. Em função dessa natureza humana comum, os diversos seres do universo têm a possibilidade de interagir e de se comunicar. Essa interação entre seres diferentes ocorre de diversas formas, e nem sempre positivas. A caça, por exemplo, implica a predação por parte dos humanos de outros seres que, em essência, são também seres humanos com intenções e capacidade de ação. Por isso, a caça na Amazônia está rodeada de múltiplos cuidados que em muitos casos exigem a atuação daquelas pessoas que conhecemos como xamãs ou pajés. Por exemplo, entre os Arara e entre os Tukano, os xamãs têm um papel fundamental para negociar com os donos de animais para que liberem animais que serão caçados e consumidos entre os homens. Entre os Wari, por sua parte, os xamãs desempenham, entre outros, o papel de retirar da caça aqueles aspectos que remetem à humanidade das presas para evitar que, ao consumi-las, as pessoas estejam cometendo um ato de canibalismo.

Por outro lado, as doenças que sofrem os seres humanos são consideradas também atos de predação por parte de espíritos, e a cura, também a cargo do xamã, envolve em muitos casos um processo de

Acervo do MAE/UFPR.



Homem elaborando máscara no Alto Xingú.



Máscara tapirapé

A máscara é chamada *ypé* em tapirapé, que significa “guerreiro inimigo”, e faz referência ao que ela representa: as cabeças-troféu dos inimigos vencidos que, no caso dos Tapirapé, eram principalmente os Karajá e Kayapó. Já em tempos pacíficos presentificam os espíritos daqueles Tapirapé mortos durante o ano anterior ao ritual. A alma do guerreiro morto se torna espírito e os Tapirapé se apropriam dele para propiciar a caça. Ainda hoje, portanto, as máscaras fazem referência a dois dos aspectos associados à potência masculina: a guerra e a caça. De um lado, as danças e as cerimônias que protagonizam simulam combates com os inimigos; de outro, esses rituais, que marcam a época da seca, estão principalmente associados à caça. Essa associação entre guerra e caça é fundamental para entender um aspecto da guerra entre as sociedades ameríndias: ela não é destrutiva, mas construtiva. Trata-se menos de destruir o outro do que possibilitar a reprodução própria, o que se atinge através da captura de potencialidades do exterior. Neste caso, a morte do inimigo potencia a capacidade para a caça, o que permitirá alimentar bem os próprios parentes.

negociação com os espíritos responsáveis. Entre os Kuikuro, assim como outros grupos do Alto Xingú, a doença é pensada principalmente como decorrente do roubo da alma da pessoa por parte de um espírito, e sua recuperação é realizada pelo xamã (*hüati-hekugu*). Em primeiro lugar, ele deve determinar qual foi o evento que definiu a aparição da doença e o ser que está por trás desse ocorrido. Para tanto, ele entra em transe através do consumo de cigarro de tabaco (*teninhü*). Uma vez determinadas as causas e os causadores da doença, o xamã recupera a alma do doente, processo que passa por uma negociação com os seres responsáveis e pelo oferecimento de diversos objetos valiosos (colares, painéis, cocares, etc.). Nesse sentido o xamã é, fundamentalmente, um mediador entre mundos diferentes. Posteriormente, é realizado um ritual no qual os seres causadores da doença se presentificam na aldeia através das máscaras, de forma que já não são apenas visíveis para os xamãs, mas também para todo mundo. Durante os rituais, alimentos e bebidas são oferecidos aos espíritos (*itseke*), de modo a restabelecer as relações com eles e, dessa forma, a saúde do paciente. Assim, os *itseke* que uma vez causaram a doença da pessoa se tornam agora seus protetores (FRANCO NETO, 2010).

Os sonhos e os estados alterados de consciência, que se atingem através de diferentes práticas, como o consumo de algumas substâncias - tabaco, por exemplo - ou dietas, são meios através dos quais os xamãs entram em contato com os espíritos.

Da mesma forma que no caso kuikuru, no xamanismo mbyá-guarani o tabaco tem um papel central. Entretanto, em vez de consumi-lo em forma de cigarro, os Mbya-Guarani o consomem se servindo do cachimbo ou *petyngué*. O uso do tabaco está presente em diversos procedimentos xamânicos – técnicas de cura e benzimento de alimentos, por exemplo – e em qualquer contexto que envolva o contato com o sobrenatural, como os rituais de nomeação e sepultamento, ou os rituais cotidianos realizados na casa de reza (*opy*). Durante os mesmos não apenas se realizam curas, mas são também entoados cantos que estabelecem a conexão com a divindade (Nhanderu). O tabaco tem, de um lado, a capacidade de proteger os seres humanos e afastar as doenças, e de outro confere sabedoria e ajuda a tomar as decisões certas. Porém, os xamãs não são os únicos que consomem tabaco; todas as pessoas o fazem, da mesma forma que todas as pessoas participam das rezas na *opy*, cantando e dançando. O uso do chocalho, chamado *mbaraká*, entre os guarani se dá precisamente neste contexto ritual no qual a música tem também o poder de estabelecer uma comunicação com os deuses.

A participação nos rituais na *opy* faz parte de um conjunto de práticas, como uma alimentação e um comportamento adequados, que têm por objetivo atingir um estado de perfeição e maturidade. Estas práticas, que em última instância implicam viver de um modo especificamente guarani, permeiam as atividades da vida cotidiana e não estão restritas apenas aos

xamãs, mas constituem um caminho que todos os Guarani tratam de seguir e que faz parte de seu modelo de vida e de pessoa.

A vida cotidiana

O conjunto de objetos apresentados nesta parte da exposição remete a atividades da vida cotidiana, especialmente àquelas que dizem respeito ao âmbito interno, íntimo e associado às atividades femininas. Contudo, não é possível estabelecer um corte muito claro entre aspectos como o ritual, o xamanismo ou a guerra e a vida cotidiana. Existe um fio condutor que conecta esses âmbitos aparentemente opostos: todos eles têm como um dos objetivos fundamentais a produção de pessoas conforme os valores que orientam a sociedade e, portanto, a reprodução da mesma.

Na produção de alimentos, existe uma divisão de gênero segundo a qual os homens estão em geral incumbidos da caça e da pesca, enquanto as atividades das mulheres estão mais voltadas ao trabalho no roçado e ao preparo da comida.

A caça, a pesca, a agricultura e a coleta são as principais atividades de subsistência dos grupos indígenas em geral. Essas atividades estão, atualmente, comprometidas em função das transformações ambientais decorrentes da ocupação territorial imposta pela sociedade nacional às áreas onde vivem diversos grupos ameríndios. É importante considerar que existem diferenças significativas entre as formas de subsistência dos diferentes grupos. Povos que moram à beira dos grandes rios, costumam ter uma forma de vida mais voltada para a pesca e a agricultura, como é o caso dos grupos altoxinguanos e os Tukano do Alto Rio Negro, enquanto aqueles que ocupam áreas de cabeceira dos rios estão mais voltados para a vida na floresta, sendo que a caça e a agricultura, complementadas com a coleta, são as

Acervo do MAE/UFPR.



Homem e criança yanomami.

Acervo do MAE/UFPR.



Mulher ralando mandioca.

principais formas de subsistência. Tal é o caso, por exemplo, dos Maku, no Alto Rio Negro, ou dos Yanomami. No Alto Xingu, a pesca é a principal fonte de proteína animal e uma atividade primordial entre as tarefas masculinas. A caça fica restrita a animais pequenos e aves, e seu objetivo não é tanto servir de alimento às pessoas, mas sim obter penas e carne para alimentar as águias harpias. Essas águias são criadas como fonte de penas para os ornamentos. A técnica mais usada para pescar é por envenenamento com timbó: escolhido o lugar de pesca, o timbó previamente macerado é jogado na água e os peixes, por falta de ar, ficam

Bonecas karajá

A importância das bonecas karajá enquanto manifestação artística indígena foi recentemente reconhecida através da aprovação, em janeiro de 2012, do Ofício e os Modos de Fazer as Bonecas Karajá como Patrimônio Cultural do Brasil por parte do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Tradicionalmente, as bonecas eram elaboradas como brinquedos que tinham também um caráter pedagógico. Entretanto, com a finalidade de promover também seu uso comercial, a partir de 1940 foram introduzidas paulatinamente algumas modificações, como a queima, o tratamento mais realista do corpo humano e a variação dos temas. As bonecas de estilo moderno, chamadas *ritxokó*, representam pessoas karajá em diversas atividades cotidianas, formando às vezes cenas com várias personagens, animais, seres da cosmologia indígena e cenas da mitologia que são usadas para contar histórias para as crianças. Em geral, são destinadas à venda, constituindo uma importante fonte de renda para os Karajá. Porém as bonecas de estilo antigo, *hykynarixoko*, continuam sendo feitas e presenteadas às crianças como brinquedo.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



aturdidos, de forma que se torna fácil capturá-los. Trata-se de uma técnica amplamente usada pelos grupos indígenas de forma geral, que implica o trabalho coletivo.

Os Yanomami, por sua parte, reticentes a navegar, mostram uma maior familiaridade e fascínio pela floresta. A caça é uma tarefa principalmente masculina que pode ser realizada individual ou coletivamente. Para o provisão cotidiano da família, um homem costuma sair duas ou três vezes por semana para caçar. Dependendo do sucesso e do tamanho do animal caçado, as saídas poderão ser mais ou menos espaçadas. Embora atualmente o uso da espingarda esteja generalizado, tradicionalmente eram usados arco e flecha. Na Sala Didática estão expostos dois tipos de ponta de flecha yanomami: uma de bambú usada para a caça de grandes mamíferos como a anta, a queixada ou o caititu, e outra de madeira, seccionada em várias partes para quebrar dentro do corpo do animal, usada para caçar macacos. Nesse último tipo de flecha era aplicada uma substância – um alucinógeno chamado *sakona*, que produz o relaxamento dos músculos do animal ou o veneno curare que é obtido pelos yanomami através das redes de intercâmbio com outros grupos indígenas - que facilitava a perseguição da presa por parte do caçador (RAMOS, 1990: 35).

Como em vários outros grupos indígenas, durante determinadas épocas do ano ocorrem caçadas coletivas que têm por objetivo obter uma grande quantidade de alimentos para ocasiões cerimoniais, as quais envolvem em muitos casos a visita de anfitriões de outras aldeias. Da mesma forma que o peixe para os grupos alto-xinguanos, a carne para os Yanomami é elemento indispensável em qualquer refeição. Sua falta, por mais abundância que tenha de outros alimentos, gera a sensação de estar passando fome (RAMOS, 1990).

Além da caça e da pesca, a agricultura é um elemento básico nos sistemas de subsistência indígena. De maneira geral, predomina a chamada agricultura de coivara: pouco antes da chegada da época seca, se derruba a vegetação de uma área da floresta que se deixará secar ao longo da estiagem, para depois queimá-la e plantar. Em geral, existe uma divisão do trabalho em relação ao roçado, de forma que os homens costumam se ocupar da derrubada e da queima, e as mulheres se encarregam de plantar e posteriormente cuidar do roçado e coletar os alimentos. Como em muitos outros aspectos da vida indígena, nas atividades de subsistência se reflete a relação de complementariedade que existe entre os gêneros. Existe uma grande diversidade de cultivos, e as práticas alimentares entre os povos indígenas variam muito, mas existem alguns alimentos que se destacam, como a mandioca. Um dos tipos de mandioca existente é aquela conhecida como mandioca “brava” que, sem o processamento adequado, é venenosa. Para poder ser consumida, deve ser eliminado o ácido hidrocianico que ela contém, para o qual, depois de ser ralada, a polpa é exprimida com a ajuda do tipiti. Vários povos, principalmente

Acervo do MAE/UFPR.



Mulher e criança karajá elaborando bonecas.

alguns povos da família linguística Jê e vários do Alto Rio Negro, usam o tipiti que, diferentemente daquele exposto na Sala Didática, tem forma de cesto cilíndrico, atingindo mais de um metro e meio de altura. Uma das possibilidades de preparo da massa de mandioca é o beiju, que constitui um dos alimentos básicos para muitos grupos indígenas, como os do Xingú. Os torradores são, portanto, um equipamento básico em qualquer casa xingwana.

Além da dedicação às atividades de subsistência e à preparação dos alimentos, o cotidiano feminino está estreitamente associado ao cuidado das crianças. Os objetos expostos na Sala Didática não remetem apenas ao cuidado que se tem com as crianças, mas também aos processos de aprendizado e ao lado lúdico do cotidiano.

As bonecas karajá são um bom exemplo. Todas as meninas, quando têm em torno de cinco ou seis anos e, portanto, já têm noção de como manipular as bonecas sem quebrá-las, recebem da sua avó ou de uma tia um conjunto de bonecas, *hykynarixoko*. Trata-se de bonecas feitas em barro que representam os diferentes membros da família, identificados através dos ornamentos, pinturas corporais e penteados que caracterizam cada um dos momentos no ciclo de vida das pessoas. Dessa forma, os meninos e meninas, além de brincarem com as bonecas, aprendem sobre as relações sociais e de parentesco (CHANG, 2010).

Os brinquedos indígenas também estão muito associados ao aprendizado das tarefas próprias de cada gênero. É muito comum, por exemplo, que os meninos em vários grupos indígenas recebam arcos e flechas, como os kayapó, para que apreendam desde cedo a técnica de atirar com arco, o que fazem brincando. Outro bom exemplo são as pequenas panelas wauja com formas de animais. Elas são usadas para servir alimentos, guardar restos de comida ou outros pequenos objetos, mas nas mãos das crianças se tornam panelas-brinquedos (NETO, 2006). Brincadeira, aprendizado e desempenho de tarefas não se encontram, portanto, totalmente diferenciados.

Povos indígenas no Paraná

Guarani Ñandeva, Mbya-Guarani, Xetá – os três da família linguística Tupi-Guarani – e Kaingang – da família linguística Jê – são os quatro povos indígenas que existem atualmente em território paranaense, tendo cada um deles histórias e particularidades culturais específicas. Apesar da marginalidade a que eles estão submetidos, fazem parte da nossa paisagem sociocultural e inclusive urbana, não apenas porque podemos encontrá-los ocasionalmente nas ruas das principais cidades, mas porque existem, inclusive, aldeias urbanas como Kakané Porã, em Curitiba, na qual convivem pessoas dos três povos.

Atualmente existem no Paraná 26 Terras Indígenas, das quais apenas dez são homologadas. Essa configuração é resultado de um processo de desterritorialização ao qual foram submetidas as populações indígenas desde a chegada dos europeus. No caso dos Guarani ele foi desencadeado logo no início do período colonial e esteve marcado pela redução da população nas missões jesuíticas e a sua escravização por parte dos encomenderos, no caso dos territórios espanhóis, e dos bandeirantes nos territórios de colonização portuguesa. Parte da população guarani se refugiou nas matas subtropicais do Guairá e dos Sete Povos no Paraguai, sendo que os Mbya seriam os descendentes desses grupos, enquanto Nhandeva e Kaiowa seriam da população que manteve um contato mais continuado com a população não indígena durante o

Acervo do MAE/UFPR.



Kaingang.

período colonial (LADEIRA, 2007). O caso guarani é reflexo da complexidade do processo de contato e da importância da atuação indígena no mesmo, não se limitando a serem meros sujeitos passivos dos acontecimentos, mas adotando decisões sobre sua própria história. No caso dos Kaingang, aqueles grupos situados mais próximos do litoral tiveram os primeiros contatos com os europeus no início do período colonial. Entretanto, a conquista do território kaingang, situado nas terras do planalto do sul do país, ocorreu ao longo do século XIX, não sem forte resistência por parte dos indígenas (MOTA, 2009).

Se hoje nos encontramos com Mbyá-Guarani e Kaingang nas cidades paranaenses, vendendo artesanatos como os *vicho ra'anga* ou cestinhas de diversos tamanhos, cores e formas, devemos pensar que se trata de estratégias cuja peremptoriedade tem sua raiz no processo colonial de

espoliação que continua nos dias de hoje. Vender artesanato tornou-se para muitos indígenas uma das poucas formas de ter uma fonte de renda, mas constitui também uma forma de manifestação artística e cultural. Ainda esses objetos são depositários de aspectos identitários, marcando diferenças entre uns povos e outros: os grafismos, as formas e o trançado das cestas marcam diferenças substanciais entre, por exemplo, Mbyá-Guarani e Kaingang, constituindo sinais identitários. Por outro lado, é interessante notar que, no caso do Mbyá-Guarani, os objetos produzidos, embora com ressonâncias na cultura material antiga, constituem um estilo novo, produzido especificamente para a venda e procurando satisfazer à estética não indígena. Os objetos elaborados conforme a estética mbyá não são vendidos, se reservando para uso interno exclusivamente, constituindo dessa forma um mecanismo que visa a preservação física e cultural.

O caso mais dramático é, sem dúvida, o dos Xetá, contatados na década de 1950 na serra de Dourados e que, após esse contato, praticamente desapareceram, tendo restado apenas oito sobreviventes em 1999, quando uma pesquisa sobre seu destino foi realizada (SILVA, 1998). Doenças, desterritorialização, massacres, invisibilização, etc. foram as causas do desaparecimento do grupo, sendo que os sobreviventes, na época crianças, foram separados dos seus e adotados em sua maioria por famílias não indígenas. Atualmente, os Xetá e seus descendentes se encontram num processo de reconstituição enquanto coletivo indígena e de recuperação da memória. O professor Loureiro Fernandes, criador do MAE, fez parte das expedições de contato, e foram realizadas, sob seus auspícios, pesquisas que permitiram registrar informações sobre a cultura xetá e coletar objetos por eles usados e fabricados que se encontram atualmente depositados no MAE. Este acervo constitui hoje um dos mais representativos e completos da cultura material xetá, desempenhando um papel importante no processo de recuperação da memória desse coletivo.

Acervo do MAE/UFPR.



Homem e criança Xetá.

Arqueologia

A Arqueologia, do grego «arqué» = antigo, e «logos» = estudo, tem sido muitas vezes associada à caça de tesouros perdidos, ou ainda, a escavações de ossadas de dinossauros. Porém, na verdade, esta ciência busca o estudo das sociedades humanas, muitas das quais já desaparecidas.

O objetivo da Arqueologia é compreender os modos de vida e a história dos diferentes povos, sua dinâmica cultural e interações com o meio ambiente. Para isso investiga, sobretudo, o potencial informativo dos objetos remanescentes (cultura material) enquanto parte do universo social, tecnológico, econômico e simbólico das sociedades humanas.

Devido à profundidade cronológica de muitos de seus achados, a Arqueologia pode gerar informações únicas sobre as culturas passadas e, portanto, vai muito além dos registros orais e escritos. Como exemplo, o estudo da ocupação do homem nas Américas, remete a um passado de mais de 30 mil anos; por outro lado, também pode abordar períodos da história recente, tais como a colonização europeia no Brasil, as fazendas cafeeiras e a escravidão.

A Arqueologia possui muitos métodos e teorias que possibilitam a investigação dos diferentes aspectos culturais de uma sociedade ao longo do tempo. Vale-se ainda dos conhecimentos gerados por outras áreas da ciência, como a Geografia, Geologia, Etnologia, Ciências Sociais, História, Biologia, Medicina, Física, Química, entre muitas outras.



Lembrem-se, os dinossauros se extinguíram milhões de anos antes das populações humanas surgirem no planeta!

O que é Sítio Arqueológico?

Acervo CEPA/UFPR.



Sítio Arqueológico Gruta do Wobeto – PR, 1960.
Da esquerda para a direita: um morador local, arqueólogas Margarida D. Andreatta e Mme Annette Emperaire, Afonso e, sentada, Laure Emperaire.

O sítio arqueológico é um local onde existem objetos, fogueiras, ruínas, feições no terreno ou quaisquer outros conjuntos de vestígios formados a partir das atividades, intencionais ou não, do homem no passado. Os sítios arqueológicos possuem características próprias de um determinado lugar e tempo. É no conjunto dos elementos (artefatos, feições, contextos) estudados em um ou mais sítios que os arqueólogos são capazes de interpretar os modos distintos de fazer, viver e conviver de uma sociedade, conhecendo algumas das práticas e comportamentos sociais do passado, bem como, suas mudanças através do tempo.

Assim, todo cuidado é pouco quando são feitas escavações e pesquisas. Escavar um sítio sem preparação e conhecimento, além de representar um crime contra o patrimônio cultural, pode apagar para sempre as pistas de uma história ainda não contada!

Tipos de sítios arqueológicos:

- Áreas de aldeias indígenas abandonadas;
- Sambaquis e montículos (também chamados de *mounds* ou *tesos*);
- Paredões rochosos com representações rupestres;
- Oficinas líticas – confecção de materiais de pedra;
- Cavernas contendo sepultamentos humanos;
- Monumentos, como Pirâmides no Egito e templos Incas;
- Ruínas de casas coloniais, antigas fazendas e senzalas.



Oficina de produção de artefatos polidos
Ilha da Pescaria – PR

O Fazer Arqueologia Como trabalha o arqueólogo?

O trabalho do arqueólogo pode ser dividido em seis etapas:

1. Planejamento: Em que é definida a área de pesquisa, os objetivos do trabalho e os métodos a serem empregados. Nesta etapa também são encaminhados os pedidos de autorização para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pois os sítios arqueológicos são protegidos por lei (Lei n.º 3.924, de 26 de Julho de 1961) e somente arqueólogos capacitados devem fazer esse trabalho.

2. Levantamento: Corresponde ao trabalho de busca e delimitação de sítios arqueológicos utilizando técnicas, tais como vistorias, caminhamentos, sondagens (perfurações no solo) e uso de aparelhos geofísicos. O arqueólogo também se utiliza das informações de moradores locais, ou ainda, da análise do ambiente

que pode apontar locais favoráveis à localização de sítios arqueológicos.

3. Escavação: Após descobertos ou delimitados, os sítios arqueológicos são pesquisados através de escavação minuciosa objetivando a recuperação de materiais e informações capazes de revelar conhecimentos sobre as atividades humanas pretéritas. A escavação permite o registro e a coleta de artefatos e estruturas arqueológicas (Ex: utensílios, fogueiras e sepultamentos). Também é feito um estudo mais minucioso do local registrando a disposição espacial e cronológica dos achados, visando a identificação de áreas e conjuntos e sua variação através do tempo.



Projeto Sítio-Escola (MAE/UFPR)

Sítio Arqueológico Ilha das Pedras - PR, 2011. Da esquerda para direita: arqueólogas Rucirene Miguel e Camila Loch, e ao centro, Barbara Ridder.

que pode apontar locais favoráveis à localização de sítios arqueológicos.

4. Laboratório: Todos os materiais passam por atividades de limpeza, triagem (separação por tipos ou classes), numeração, remontagem (colagem de peças fragmentadas), conservação e acondicionamento. Após isso, são feitas as análises dos materiais e o estudo das técnicas empregadas, desde a obtenção da matéria-prima, da produção, uso e descarte (momento do abandono). Também são en-



Acervo do MAE/UFPR.

Atividade Laboratorial durante a I Semana de Oficinas em Arqueologia do MAE, 2012.

caminhados os materiais para datação e análises visando obter dados sobre resíduos alimentares e de mudanças paleoambientais (pólen, fitólitos e carvões).

5. Resultados da pesquisa: Compreende a reunião de todos os dados e informações levantados nas etapas anteriores visando cumprir os objetivos da pesquisa, responder aos questionamentos científicos e à geração de novos conhecimentos.

6. Extroversão dos conhecimentos: A prática arqueológica envolve um tipo de patrimônio cultural da humanidade, o patrimônio arqueológico, e só pode estar completa quando ocorre a divulgação dos seus resultados para a sociedade. Esta divulgação deve ser ampla, irrestrita e direcionada aos variados segmentos culturais e sociais (Ex: cientistas, políticos, comunidades, alunos, etc.), contribuindo para a valorização e preservação deste bem cultural. O direito à cultura e ao acesso à cultura engloba as informações sobre o patrimônio arqueológico das diferentes localidades. Conhecer é um direito de todos e a extroversão dos conhecimentos faz do arqueólogo um profissional com maior compromisso social.

Como os arqueólogos datam os sítios arqueológicos?

Os métodos de datação podem ser RELATIVOS ou ABSOLUTOS. Os mais utilizados compreendem:

 <p>Dendrochronologia: baseia-se na correlação entre círculos de crescimento em troncos de árvores, quando fragmentos de madeira são encontrados no registro arqueológico.</p>	 <p>Áreas de dispersão: utiliza rotas conhecidas de migração ou difusão para comparar artefatos, estilos decorativos e padrões de distribuição de sítios, estabelecendo relações de sucessão.</p>
<p>Estratigrafia: superposição de camadas de solo ou sedimentos e sua correlação com vestígios culturais (ex. camadas arqueológicas mais profundas são mais antigas que camadas menos profundas).</p> 	 <p>Termoluminescência: método físico para datação de objetos arqueológicos, como cerâmicas e materiais líticos, desde que tenham sido aquecidos no passado.</p>
 <p>Tipologia: dá a noção da antiguidade pela comparação com objetos do mesmo tipo, em diferentes sítios arqueológicos distribuídos por uma região.</p>	<p>Carbono-14: Calcula-se o tempo que um organismo morreu a partir da quantidade de C-14 ainda existe em uma amostra deste organismo (ex: fragmento de madeira carbonizada encontrada em uma fogueira).</p> 

Datação Relativa Datação Absoluta

Ilustrações: Érica Storer de Araújo

As datações absolutas (Termoluminescência e Carbono 14) podem ser indicadas em relação ao presente usando as letras AP (Antes do Presente) seguidas da variação de margem de erro para mais ou para menos (ex. 4.400 ± 100 AP). Também pode ser utilizado o sistema de data com base no calendário cristão, ou seja, colocando-se a sigla a.C. (antes de Cristo), que para o caso do exemplo anterior (4.400 ± 100 AP) temos que transformar diminuindo mais ou menos 2.000 anos na data, ou seja, 4.400 - 2.000 = 2.400 ± 100 a.C. (lembre-se, é a mesma data, o que muda é a referência C AP ou a.C.). As datações relativas consistem em organizar os objetos e sítios arqueológicos em seqüências cronológicas, revelando se são mais velhos, mais novos ou se contemporâneos uns aos outros.

O Homem nas Américas

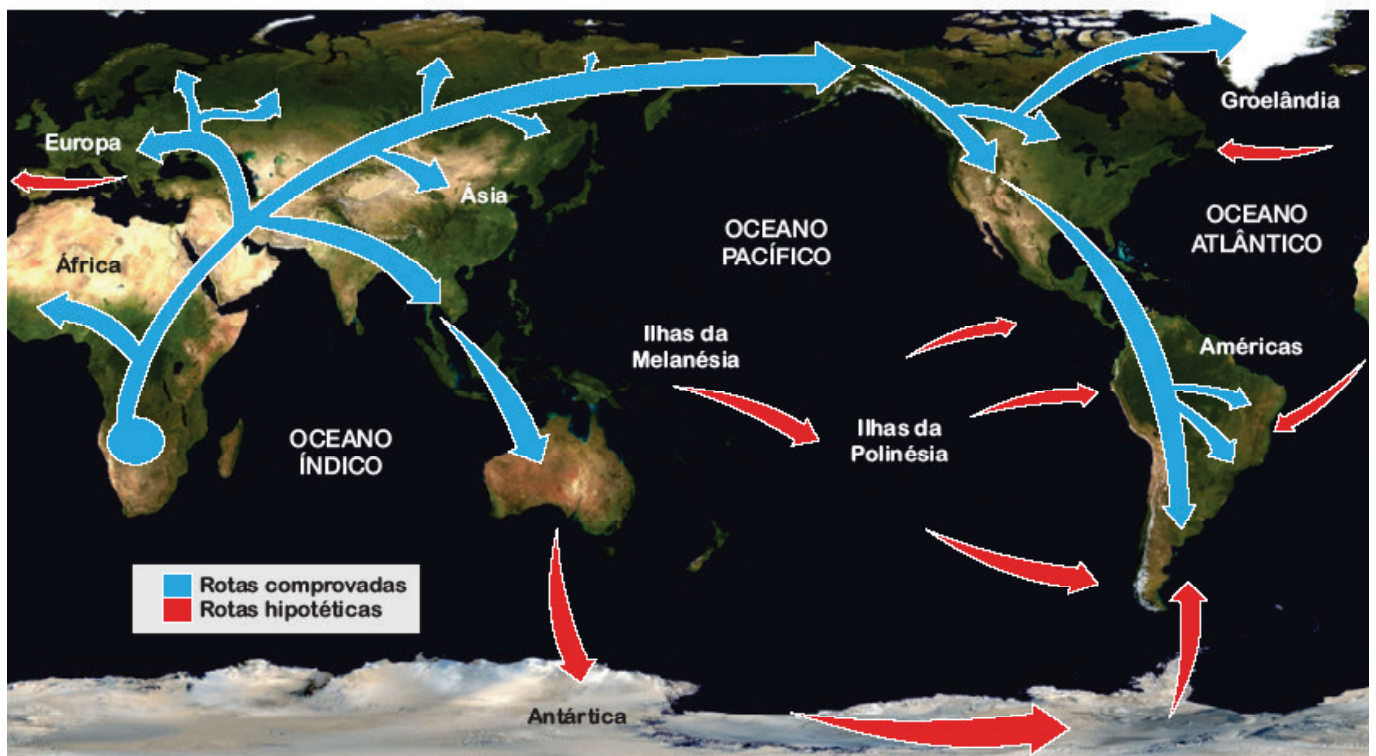
Em relação ao velho mundo as Américas foram ocupadas tardiamente. O *Homo Sapiens Sapiens* (nós) surgiu no continente africano por volta dos 200 mil anos e iniciou sua expansão pelo mundo, chegando ao continente europeu por volta dos 150 mil anos e ao Sudoeste asiático em 70 mil. Para o caso da entrada dos primeiros humanos nas Américas ainda existem muitas discussões e controvérsias. Atualmente considera-se a possibilidade de três migrações que teriam cruzado o estreito de Bering (região entre o Leste russo e o Oeste do Alasca) por rotas continentais ou margeando as zonas costeiras, em datas que podem recuar em até 40.000 anos atrás.

Considera-se que a migração mais expressiva tenha se dado por volta de 15.000 anos, chegando à América do Sul. Porém, em alguns sítios ocorrem datas mais antigas, como Monte Verde no Chile (33.000 AP), Santa Elina no Mato Grosso (25.000 AP) e Boqueirão da Pedra Furada no Piauí (48.000 AP) gerando novas hipóteses e perspectivas.

Pré-história Brasileira

Todos nós aprendemos que a história do Brasil começa com a chegada das caravelas de Pedro Álvares Cabral ao litoral brasileiro no dia 22 de Abril de 1500. Porém, aqui já existiam vários habitantes de diversas etnias, falando línguas diferentes, ocupando regiões diferentes, vivendo diferente. Os muitos primeiros habitantes deste território, chamado hoje de Brasil, não deixaram nada escrito. No entanto, vários sítios e vestígios arqueológicos estão presentes em todos os campos do país para contar a sua história e modos de vida.

Na Pré-história do Brasil Central e Nordeste, os arqueólogos estabeleceram uma cronologia dividida



Mapa de dispersão *Homo Sapiens*.

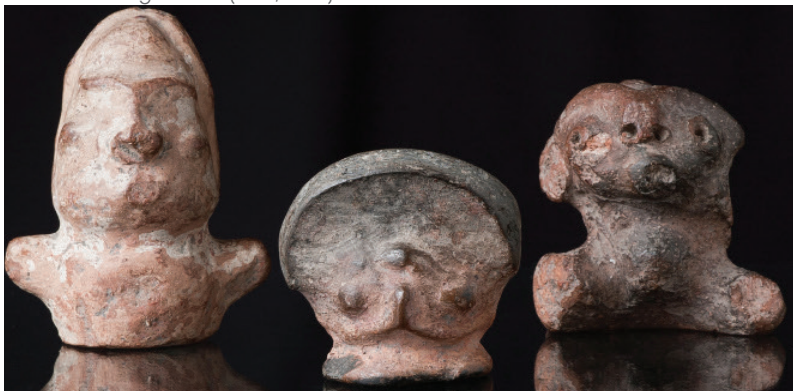
Acervo MAE/UFPR.

em três grandes momentos. O primeiro momento, denominado Paleoíndio, possui datações que beiram os 12.000 AP. Neste período foi definida uma tradição arqueológica denominada Itaparica, caracterizada pelo

exímio lascamento e pela ausência de artefatos cerâmicos. Também a esse período são associadas pinturas rupestres nos abrigos rochosos. A tradição Itaparica foi definida com base em um artefato lítico muito específico: as “lesmas”, também chamadas de plano-convexos, que possuíam várias funções reunidas em um único objeto, da mesma maneira que um canivete suíço. O segundo período, denominado Arcaico, entre 9.000 e 3.000 AP, é caracterizado pela ruptura nas técnicas de produção dos artefatos líticos; o instrumental produzido neste período é muitas vezes tachado de “expedito”, ou seja, feito na medida da necessidade. Pesquisadores afirmam que essa ruptura técnica pode ser associada a uma adaptabilidade ao ambiente, já que nessa época o clima se torna mais quente e úmido, ou à chegada de novas levas migratórias. O terceiro momento corresponde a um período demarcado pela presença de potes cerâmicos, aldeias mais sedentárias, população maior e presença de horticultura. As chamadas Tradições Una, Aratu, Sapucaí e Tupiguarani iniciam-se por volta dos 3.000 anos AP e, neste ponto, as culturas começam a se diversificar, possivelmente constituindo várias etnias indígenas encontradas nessas regiões, como os Xavantes, Bororos, Kambiwás e Avá-Canoeiro.

Na região Amazônica existe um emaranhado de etnias, com culturas e línguas totalmente distintas e, no passado, também era assim. A bacia Amazônica era densamente ocupada por diferentes povos indígenas no final do século XV, que habitavam áreas de várzea e terra firme. Vale lembrar que a área hoje ocupada pelo bioma Amazônico é quase do tamanho do continente Europeu. A ocupação desse território não foi uniforme, nem no espaço, nem no tempo. Os grupos se organizavam de várias formas, hierarquizados em grandes aldeias, enquanto outros eram nômades, baseando sua subsistência em caça e coleta. Acreditava-se que os densos sítios eram resultados de várias ocupações sucessivas nos mesmos locais, já que as culturas pré-históricas eram degenerações da cultura andina. Contudo, pesquisas recentes apoiam firmemente que os densos sítios na verdade são o resultado de culturas complexas com uma taxa demográfica alta. A cerâmica na Amazônia é uma das mais antigas da América, mais antiga do que as cerâmicas andinas, com cerca de 6.000 anos AP. As cerâmicas mais esteticamente chamativas são das culturas Marajoara, Maracá e Tapajônica.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Artefatos em cerâmica proveniente de Sítios Amazônicos.

As culturas pré-históricas eram degenerações da cultura andina. Contudo, pesquisas recentes apoiam firmemente que os densos sítios na verdade são o resultado de culturas complexas com uma taxa demográfica alta. A cerâmica na Amazônia é uma das mais antigas da América, mais antiga do que as cerâmicas andinas, com cerca de 6.000 anos AP. As cerâmicas mais esteticamente chamativas são das culturas Marajoara, Maracá e Tapajônica.

Pré-História Meridional

A história da ocupação humana no território meridional corresponde aos atuais estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e pode ser dividida em três momentos distintos, baseados tanto nas pesquisas arqueológicas quanto nos dados históricos e etno-históricos existentes para a região.

Caçadores-Coletores dos Planaltos

O primeiro, com antiguidade variando de 8.000 AP até o início da era cristã, refere-se a grupos cuja economia estava baseada na caça e coleta generalizadas. Eram nômades e suas atividades de subsistência estavam voltadas à oferta dos recursos naturais da região, sendo que a exaustão dos mesmos implicava no deslocamento desses grupos para outras paragens mais profícuas. Desconheciam a tecnologia da fabricação da cerâmica, porquanto são por vezes chamados pelos arqueólogos de pré-ceramistas. Seus principais

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Pontas de projétil líticas - Tradição Umbu.

vestígios, que resistiram à ação do tempo e que, portanto, puderam ser recuperados em pesquisas, dizem respeito basicamente à indústria lítica, aos padrões de assentamento e a algumas estruturas relacionadas às atividades e ao uso do espaço habitacional (como estruturas de combustão, por exemplo). O estudo desses vestígios possibilitou o reconhecimento de pelo menos três grandes tradições arqueológicas: Humaitá, Umbu e Bituruna.

As tradições Umbu e Bituruna caracterizam-se por apresentar artefatos líticos elaborados geralmente sobre lascas, tendo como elemento diagnóstico as pontas de projétil foliáceas e pedunculadas, além de grande variedade de raspadores. Seu instrumental lítico sugere atividade em ambiente de vegetação mais rarefeita que a atual. Datações no Paraná situam o aparecimento de ambas, por volta de 8.000 AP. Até

onde as pesquisas conseguiram determinar, essas duas Tradições estão associadas a levadas populacionais distintas, sendo que a origem da Umbu parece estar relacionada à região Sudeste, Centro-oeste do Brasil, e da Bituruna, ao Sul da Patagônia.

A Tradição Humaitá é caracterizada por apresentar artefatos líticos elaborados principalmente a partir de blocos de rocha (núcleos), correspondendo a picões, lâminas de machado, talhadores e várias formas de raspadores. Representa vestígios de ocupações por grupos humanos preferencialmente relacionados às regiões florestadas e de matas ciliares. No Paraná, suas datações ocorrem entre 4.960 a.C. e 335 a.C.

Embora essas tradições representem as ocupações mais antigas documentadas em nossa região, existem ainda muitas áreas desconhecidas arqueologicamente. Outro aspecto é que muitos desses grupos perduraram até o período da ocupação Ibérica (portugueses e espanhóis), mantendo sua economia de caça e coleta, e possivelmente tendo interações com os grupos ceramistas que chegaram ao território cerca de 2.000 anos atrás.

Os Pescadores do litoral Construtores de Sambaquis

Sambaqui, na língua tupi-guarani, quer dizer “monte de conchas”. São colinas formadas por um acúmulo intencional ao longo do tempo de vestígios alimentares (conchas de moluscos, restos de peixes e crustáceos, mamíferos marinhos e terrestres, etc.) e demais vestígios, entre eles, restos de habitações, fogueiras, objetos, instrumentos e adornos de pedras lascadas e polidas, ossos, dentes e conchas, deixados pelos habitantes do litoral brasileiro. Em seu interior também são encontrados sepultamentos humanos, e oferendas associadas, como as famosas esculturas denominadas zoólitos, sendo que os mais antigos podem chegar a 10.000 anos.



Representação de colar a base de conchas.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Zoólitos e zoóstéo de sítios tipo sambaquis do litoral sul brasileiro.

em alguns casos. Sambaquis como o “Jaboticabeira II”, em Santa Catarina, parecem indicar funções cerimoniais, representando uma espécie de cemitério, com grande quantidade de sepultamentos humanos.

Por volta de 2.000 atrás as “sociedades sambaqueiras” entraram em contato com grupos indígenas horticultores provindos do planalto (como os Tupis), o que parece ter influenciado seu desaparecimento há cerca de 1.000 anos.

São muitas perguntas sem resposta sobre os modos de vida, relações, escolhas, mitos e ritos desses grupos do litoral. Sabe-se que esses povos eram excelentes pescadores, com técnicas variadas utilizando-se de redes e arpões, uma vez que a gama de espécies e tamanhos de peixes era enorme. Como exemplos temos o sargo de dente, a corvina, o bagre, o peixe-galo e a anchova; alimentavam-se também dos moluscos como o berbigão, o marisco e a ostra, além dos crustáceos como o camarão, siri e caranguejos.

Além de todas as técnicas necessárias para a pesca e coleta dos frutos do mar, os “sambaqueiros” produziam artefatos com ossos de animais, como anzóis, espátulas, agulhas, pontas de projétil e, com rocha, como lâminas de machado (polidos, lascados e semipolidos), quebra coquinhos, amoladores, polidores, artefatos para corte, perfuração e raspagem. Um artefato que chama bastante a atenção no sambaqui são os zoólitos: esculturas realizadas em rocha representando diversas formas de animais. São raros e encontrados apenas nos sambaquis do litoral paranaense e catarinense.

Sobre os aspectos simbólicos sabemos que os “sambaqueiros”, assim como nossa sociedade, gostavam de se enfeitar, faziam diversos adornos, como colares, cintos e pingentes, feitos normalmente de conchas, vértebras de peixe e rochas polidas. As pesquisas arqueológicas demonstram que esses povos davam muita importância ao sepultar seus mortos, pois os esqueletos são encon-

Os sambaquis são encontrados desde o litoral Amazônico, passando pelo Nordeste (onde são raros) até o Rio Grande do Sul. A maior concentração localiza-se entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina. As dimensões dos sambaquis variam: desde pequenos montes com até 2 metros de altura, até verdadeiras montanhas de 30 metros de altura e 400 metros de extensão. O sambaqui não é algo estático, é resultado de anos e anos de atividades culturais. Uma das hipóteses sobre a função de sua construção é de que alguns sambaquis representariam verdadeiros marcos territoriais para as antigas sociedades de pescadores e coletores, já que estariam dispostos em áreas baixas próximos às baías e praias costeiras, sendo possível inclusive a observação de um sítio a partir do outro,

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Detalhe da mandíbula de indivíduo sambaqueiro, com grande desgaste dos dentes.

trados sempre muito bem adornados e decorados.

Além dos sepultamentos de jovens, idosos (raríssimos), adultos e crianças, é possível encontrar vestígios associados à realização de rituais e festas religiosas, mas os sambaquis não possuíam apenas a função de cemitério; são encontrados também vestígios relacionados a atividades cotidianas, como pilões e mãos de pilões.

Os estudos dos esqueletos humanos mostram que os habitantes dos sambaquis eram indivíduos robustos (musculatura desenvolvida pelas atividades de pesca) e de baixa estatura (em média 1,60 cm para homens e 1,50 cm para mulheres). A expectativa de vida era de aproximadamente 30 anos. Os estudos dentários demonstram um alto grau de desgaste e cálculos nos dentes dos grupos estudados, provavelmente causados pela presença de areia e fitólitos na alimentação, responsáveis pela diminuição da presença de cáries, mas provocando doenças nas gengivas.

O início da ocupação litorânea do Paraná é de cerca de 6.500 anos AP, obtida para o sambaqui do Ramal (6.540 +/- 105 anos AP, RAUTH, 1971); a ocupação costeira paranaense continua com a datação de Porto Maurício (6.030 +/- 130, RAUTH, 1967) e depois segue com uma série de datações por volta dos 5.000 AP, chegando até as datações de 1.000 AP.

Os ceramistas

Douglas Fróis (MAE/UFPR).

Um segundo momento, com antiguidade entre o início da era cristã até a época do contato com o europeu (neste caso, a partir do século XVI), relaciona-se com o surgimento de grupos de permanência mais prolongada e geralmente mais numerosos, que dominavam a técnica da cerâmica e cuja economia difere da anterior, pela introdução da agricultura consorciada com a caça, pesca e coleta. Duas tradições merecem destaque: a Tupiguarani e a Itararé.

A Tradição Tupiguarani é que representa o maior número de sítios localizados. Suas antigas aldeias foram encontradas através de seus vestígios, que se espalham por grandes áreas.

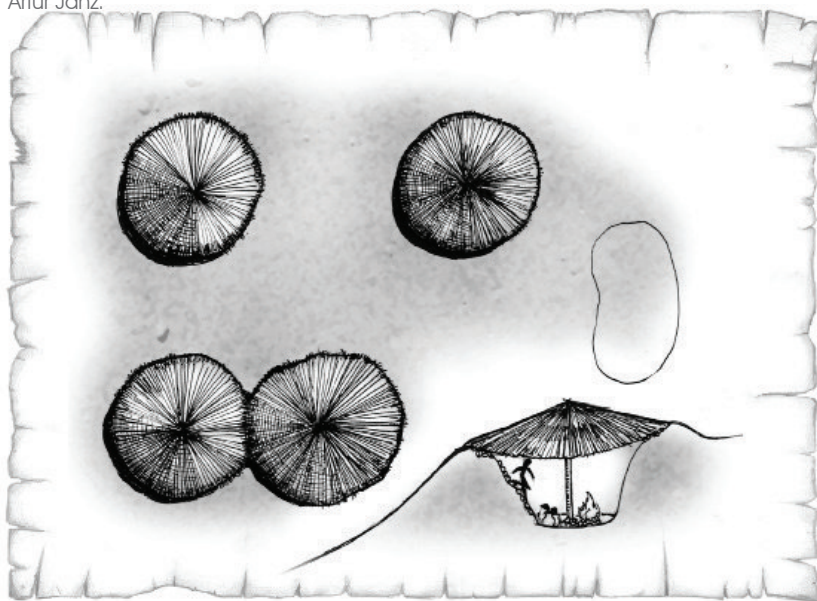
No terreno onde ocorrem os vestígios dessa tradição podem ocorrer manchas circulares de terra preta, talvez indicativas das áreas de habitações. Os indícios representam recipientes cerâmicos diversos, incluindo tigelas e grandes urnas funerárias, além de abundantes tipos decorativos, com destaque para o pintado com variados motivos em tintas vermelha, marrom e preta, pintados sobre um engobo branco; o corrugado e o escovado. Em muitos casos foram localizados esqueletos no interior das urnas, geralmente associados a um aparato funerário, com adornos, vasilhames e objetos de uso pessoal do morto. Outros indícios referem-se a lâminas de machado, pilões e mãos de pilões, abrasadores, cachimbos, rodela de fusos, tembetás e material ósseo trabalhado, entre outros.

A Tradição Itararé é caracterizada pela presença de uma cerâmica simples e de pequenas dimensões, sendo que algumas mostram decorações com engobo vermelho, carimbo e marcas de cordel. Também é característica desta tradição a ocorrência de depressões no terreno, que podem estar associadas a um sistema original de moradia, às casas subterrâneas ou semissubterrâneas, que eram escavadas no solo. Por sua vez, a ocorrência de conjuntos de elevações indica a formação de “aterros”, cuja finalidade



Urna Funerária Tupiguarani.

Artur Janz.



Representação artística de casa subterrânea da Tradição Itararé.

parece estar relacionada à cremação de cadáveres, em rituais funerários. Ambas as estruturas podem ocorrer paralelamente com sítios a céu aberto. O material lítico da Tradição Itararé constitui-se de facas, raspadores, goivas, alisadores, talhadores, pilões e mãos de pilões, quebradores de coquinhos e lâminas de machados, elaborados sobre lascas e núcleos. Em alguns casos, seus indícios ocorrem de forma intrusiva em sítios da tradição Tupiguarani, indicando a contemporaneidade dos mesmos.

O Contato Ibérico

O terceiro momento refere-se à chegada dos europeus na região da bacia platina, em princípios do século XVI, quando já a encontraram povoada por milhares de indígenas, constituídos por grupos de caçadores, coletores, pescadores e horticultores, pertencentes a sociedades e culturas bastante distintas e distribuídas em paisagens as mais diversas.

Segundo Ulrico Schmidl (1945), diversas eram as nações de indígenas que habitavam as margens do rio Paraná. Entre elas, os Cário ou Guarani, que dominavam grandes extensões do território habitando aldeias de grandes dimensões, sendo que uma estava protegida por paliçadas, trincheiras e fossos. Praticavam a horticultura, cultivando, entre outros, o milho, a mandioca e a batata, consorciada com a coleta, caça e pesca. Schmidl relata ainda a presença dos Timbus, Corondá e Quiloaza, falantes do mesmo idioma; dos Chaná-Salvaje, cuja subsistência estava baseada somente na pesca, caça e coleta; dos belicosos Payaguá que habitavam os rios Paraguai e Paraná, recebendo também outras denominações como Cadigue e Agaces; e dos Maperis, igualmente belicosos e que viviam agrupados em grande número.

A ocupação Ibérica deu origem ao genocídio de milhares de indivíduos devido não somente à guerra, mas principalmente pela introdução de doenças infecciosas europeias, e teve início uma intensa miscigenação, com influências culturais mútuas. Essas influências produziram mudanças nos costumes tradicionais das comunidades indígenas locais, assim como uma significativa herança cultural e social aborígene foi incorporada às novas sociedades emergentes (KERN, 1994).

Dos vestígios arqueológicos, fica clara a relação entre os grupos proto-históricos, chamados por Schmidl de Cário ou Guarani, com a Tradição Arqueológica Tupiguarani. Outros grupos indígenas, relacionados aos falantes do tronco linguístico Jê, estão possivelmente associados à Tradição Itararé.

Demais vestígios da Tradição Tupiguarani revelaram alterações na sua cerâmica em decorrência do contato com os europeus. Sua produção continuava sendo indígena, porém apresentavam elementos como bases planas ou em pedestal, pratos, castiçais e base de estatueta, assim como vasilhames decorados com face marcada com tecido e escovada com pente. Para este período de “contatos e interações” pode-se perceber também aumentos significativos na frequência das decorações com engobo vermelho e escovado.

Cultura Popular

**"É uma história nova
Sem nenhuma novidade,
E uma perpétua novidade
Sem nenhuma coisa de novo."**

(PADRE ANTONIO VIEIRA, *História do Futuro*, v. I, p. 69).

Significados e Interpretações

O conceito de Cultura Popular, assim como o de Folclore, carrega em si uma série de valorações. São conceitos criados em um momento específico, na tentativa de classificar o sistema cultural, separando-o entre popular e erudito, distanciando e diferenciando as manifestações do povo e da elite. O termo *folklore* ("saber do povo") é uma construção de intelectuais europeus utilizada em finais do século XVIII, no chamado período do Romantismo em que, ao contrário do que era proposto pelo Iluminismo, se buscava uma diferenciação entre as manifestações culturais da sociedade. Os saberes do povo eram considerados rústicos, primitivos, remetendo à ideia de pureza e simplicidade, em oposição às manifestações que ocorriam nos centros urbanos, cada vez mais descaracterizadas.

É importante, portanto, entender a dimensão histórica desses conceitos, cujos significados se alteram conforme o contexto e o tempo em que são utilizados. Nem tudo o que hoje é considerado cultura popular ou folclore foi assim considerado em outros tempos. Nas palavras de Maria Laura Cavalcanti (2002, p. 69),

Folclore e cultura popular são categorias de nosso pensamento, integram uma forma de organização social, um certo modelo civilizatório, e foram forjadas por uma tradição de estudos datada. Não estão dadas na realidade das coisas, definidas de modo indiscutível e de uma vez para sempre.

Atualmente, a noção de cultura popular em oposição à cultura de elite já está superada. Não podemos mais pensá-las como duas coisas estanques e separadas, que nenhuma relação tem entre si. Muito pelo contrário. É preciso considerar que as manifestações culturais não são concretas e imutáveis, mas que estão em constante transformação, ultrapassando os limites e fronteiras do que é considerado popular e erudito. Os saberes populares se misturam e se transformam, constituindo uma cultura complexa e heterogênea, em constante processo de construção. É preciso entender as manifestações culturais a partir desses princípios, e não mais dentro de uma classificação rígida e de estruturas pré-determinadas, que não poderiam sofrer nenhum tipo de alteração.

As noções de folclore e cultura popular estiveram durante muito tempo atreladas à ideia de tradição. Um determinado folguedo (como as congadas, por exemplo) seria tradicional e, portanto, imutável. O tradicional seria aquilo que permanece, sem nenhuma alteração em seu formato original. No entanto, como alertou o historiador Eric Hobsbawm (2002), as tradições podem ser inventadas e reinventadas, de acordo

com a necessidade e com os caminhos que se apresentam às pessoas envolvidas com as manifestações culturais. Maria Laura Cavalcanti exemplifica esse fato com a festa do Divino Espírito Santo em Parati, no Rio de Janeiro. A festa, que já era parte dos costumes dos cidadãos locais, tomou outras proporções depois que turistas e estudiosos da cultura popular passaram a frequentá-la. O seu sentido “original” já não era mais o mesmo; além da permanência do “tradicional”, agregou-se o desenvolvimento do turismo na região, fazendo com que a festa ganhasse novos sentidos. (CAVALCANTI, 2002, p. 75-76)

O mesmo pode ser observado na Festa do Porco no Rolete, que acontece anualmente em Toledo, cidade do oeste paranaense. A região foi colonizada por alemães, que tinham o costume de assar porcos inteiros no rolete. Em 1974, um agricultor descendente de alemães afirmou saber preparar a iguaria. Surgiu daí uma competição entre várias equipes para escolher o melhor porco no rolete (HOFFMANN, 2010, p. 102-103). Atualmente a festa tomou outras proporções, atraindo dezenas de milhares de visitantes e movimentando o turismo e o comércio. A competição para escolha do melhor porco continua existindo, mas, além disso, outras atrações foram agregadas, como estandes com produtos familiares produzidos na região. Cultura Popular, portanto, é mudança e permanência.

O MAE e a Cultura Popular

O MAE foi criado e inaugurado com o nome de Museu de Arqueologia e Artes Populares. A ideia de um museu que contemplasse em seu acervo as tradições populares, portanto, já estava contida em seu próprio nome; e não por acaso. O museu universitário começou a ser idealizado na década de 1950, vindo a ser inaugurado no ano de 1963, justamente no período em que os estudos sobre folclore e cultura popular no Brasil estavam em alta. O professor José Loureiro Fernandes, grande responsável pela criação do MAE, esteve bastante envolvido com os intelectuais que começavam a pensar o folclore brasileiro, como Edison Carneiro e Renato Almeida, com quem trocava correspondências frequentes a respeito de estudos e da divulgação do folclore.

Desde 1947 existia no Brasil a Comissão Nacional de Folclore, criada por Renato Almeida, por recomendação da UNESCO. No ano de 1958 foi instituída, dentro do Ministério de Educação e Cultura, a Campanha Nacional de Defesa do Folclore, criando-se várias comissões

estaduais, das quais o professor Loureiro integrava a que representava o Paraná. Mesmo antes da criação da Campanha Nacional, os esforços para a divulgação e preservação da cultura popular aconteciam por todo o país. Desde 1951 era realizado o Congresso Brasileiro de Folclore, sendo que o II, ocorrido em

Acervo do MAE/UFPR.

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFAS TELEGRAMA

NUMERO: 376 CURITIBA PR =

DE: FERNANDES R JOSE LOUREIRO

PARA: DR JOSE LOUREIRO

PREMIUM: 23 DE PALACIO ITAMARATI RIO DF

DATA E HORA DE OPERACAO: 07/02/58

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDENCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZACAO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

COM GRANDE EMOCAO COMUNICO LRE PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK AGORA INSTITUIR CAMPANHA DEFESA FOLCLORE BRASILEIRO AFIM PROMOVER AMPLA NACIONAL ESTUDO PESQUISA DIVULGACAO DEFESA NOSSO FOLCLORE CAMPANHA DIRIGIDA COMEILHO PRESIDIDO MINISTRO EDUCACAO E CONSTITUIDO SECRETA RIO GERAL COMISSAO NACIONAL FOLCLORE E QUATRO ESPECIALISTAS SERA CRIADO FUNDO ESPECIAL DUSTEIO ATIVIDADES CAMPANHA QUANDO VEJI CONDA DOS NOSSOS ESFORÇOS POR DEZ ANOS COM TÃO GRANDE VITORIA CONGRATULOME ELIVAMENTE ILUSTRE COLERA CUIA COLABORACAO AGRADEÇO ATENCIONSAI SAUDA QUES RENATO ALMEIDA SECRETARIO GERAL

Telegrama enviado ao professor José Loureiro Fernandes por Renato Almeida comunicando a criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em 07 de fevereiro de 1958.

1953, aconteceu em Curitiba, do qual José Loureiro participou ativamente.

Sendo assim, grande parte das peças e coleções que compõem o acervo de Cultura Popular do MAE, foi incorporada entre os anos de 1950 e 1960, pelo esforço do professor Loureiro, bastante envolvido com as questões do folclore. Este foi um momento que se buscou a valorização e, mais ainda, a preservação do folclore e dos saberes populares, que se julgavam cada vez mais ameaçados pela crescente industrialização e crescimento das cidades.

Para os intelectuais folcloristas desse período, a valorização e a salvaguarda dos costumes tradicionais do povo brasileiro resultariam em uma identidade nacional unificada. O folclore e a cultura popular seriam a expressão de nossa brasilidade e de nossa autenticidade. Valorizar o folclore, portanto, seria contribuir para a formação de um sentimento de pertencimento à nação.

A Exposição na Sala Didática

As peças que compõem o acervo de Cultura Popular do MAE não dizem respeito apenas ao Paraná. Elas são oriundas de várias partes do Brasil e representam manifestações culturais bastante diversas, desde os folguedos até as técnicas de cestaria e cerâmica.

Nos seus primeiros anos de funcionamento, o MAE, com o apoio da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, conseguiu para seu acervo peças importantes, como uma coleção de esculturas do mestre Vitalino e um tear da zona da mata mineira. Do litoral paranaense vieram peças relacionadas à pesca e ao modo de vida caiçara, como redes, varas, boias e utensílios domésticos. Da região do planalto foram adquiridos alguns dos trajes dos reis da Congada, na cidade da Lapa.

Parte desse rico acervo está exposto na Sala Didático-Expositiva, com o objetivo de oferecer aos estudantes e ao público interessado a oportunidade de conhecer e aprender sobre peças que representam a cultura popular do Brasil. Vamos agora conhecer um pouco mais sobre cada uma dessas coleções, que

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Boia de pesca procedente de Guaratuba. A boia serve para localizar a rede na água.

dizem respeito a diferentes regiões do Brasil, como Santa Catarina, Bahia e Pernambuco, além, é claro, do Paraná. São peças representativas de folguedos, artesanato e dos saberes da vida cotidiana, como a pesca e a tecelagem.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Peso em pedra com concha incrustada procedente de Guaratuba. O peso serve para manter a rede no fundo do mar.

Pesca

A atividade pesqueira é um dos saberes do homem

que habita o litoral desde milhares de anos atrás. Muitas famílias, até os dias de hoje, sobrevivem da pesca, fazendo dela seu sustento. Desde sua primeira concepção, formulada por Loureiro Fernandes, o MAE esteve voltado aos saberes e fazeres do homem do litoral paranaense. Por este motivo, muitas peças do acervo são originárias desta região, como é o caso dos artefatos de pesca. São redes, boias, pesos e varas comprados ou recebidos por doação de pescadores de Paranaguá, Guaratuba, Praia de Leste e outras cidades litorâneas.

Arte Popular da Bahia

Nos anos que antecederam a inauguração do MAE, houve um esforço para conseguir peças para compor o acervo, antes de sua abertura ao público, em 1963. Neste sentido, foi remetida pelo distrito do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Salvador uma série de peças de arte popular baiana. Vieram instrumentos musicais, como atabaques e agogôs, esculturas em ferro e também em cerâmica. São exemplares desta última forma de arte que estão expostos na Sala Didática: os caxixis, ou miniaturas de louças, que ainda hoje são comercializados em feiras de artesanato baianas.



Caxixis de prato, cálice e pote.

Os caxixis são também conhecidos como miniaturas de louças e são muito populares na Bahia. São cópias em tamanho menor dos utensílios utilizados na região. Seu uso varia muito de acordo com os consumidores, podendo servir de brinquedo ou então de artefato para cultos de candomblé. As peças existentes no acervo do MAE foram adquiridas em feiras de Salvador nos anos de 1960.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



A escultura "Vendedores de Galinhas" é uma das peças que compõem a coleção Mestre Vitalino existente no MAE.

Mestre Vitalino

Vitalino Pereira dos Santos nasceu em Caruaru no ano de 1909. Quando criança começou a fazer esculturas com o resto do barro usado por sua mãe para fazer utensílios domésticos. Os bois eram sua grande paixão. Depois de adulto, continuou com suas esculturas, retratando cenas cotidianas do homem nordestino, para vendê-las na feira de Caruaru. Até 1947 sua arte ficou desconhecida do grande público, quando então Augusto Rodrigues organizou no Rio de Janeiro a 1.ª Exposição de Cerâmica Pernambucana, com várias peças de Vitalino. Depois disso começaram a ser feitas várias reportagens sobre ele, além de outras exposições, inclusive na Suíça. Ele faleceu no ano de 1963, em Caruaru.

As peças que fazem parte do acervo do MAE foram incorporadas no ano de 1962, com a intermediação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, oriundas da coleção de Abelardo Rodrigues, arquiteto e colecionador de obras de Vitalino. Entre as obras que foram remetidas ao MAE, constam também algumas de autoria de Manuel Vitalino, uns dos filhos do artista que seguiu os passos do pai.

Na exposição é possível ver três peças de Vitalino: "Vendedores de Galinhas", "Carro de Bois" e "A Fiandeira".

Boi de mamão

O folguedo do boi acontece em várias partes do Brasil, mas com nomes diferentes. No nordeste é o bumba-meu-boi, no norte o boi-bumbá e, no sul (Paraná e Santa Catarina) o boi de mamão. Trata-se de uma encenação que mistura teatro e música, dividida em vários atos e com muitos personagens, entre eles, o vaqueiro, o boi, o carneiro, o Barão, a Bernúncia e a Mariola (ou Maricota). Antes da encenação podem acontecer outras brincadeiras, como a dança do pau de fita. Tanto no Paraná como em Santa Catarina essa é uma festa que ocorre no litoral, entre o Natal e o Carnaval. Nas cidades litorâneas paranaenses, como Paranaguá e Guaratuba, ainda é possível ver apresentações de boi de mamão. Da mesma maneira, em Florianópolis, a festa é bastante popular, ocorrendo inclusive nas escolas.

A possível origem do boi de mamão vem dos imigrantes açorianos de Santa Catarina que, posteriormente, migraram para o Paraná. A designação foi dada porque no início a cabeça do boi era representada por um mamão verde. A apresentação é caracterizada por um tom cômico e em alguns casos o boi, ao contrário do que acontece em outros folguedos desse tipo, não é morto, mas sim laçado e retirado do local da apresentação, para então retornar no ano seguinte. Alguns personagens também podem variar, havendo a presença de outros animais além do boi.

As peças expostas na Sala Didático-Expositiva representam a encenação de um boi de mamão com todos os seus personagens e foram produzidas por artesãos catarinenses.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



**"Meus senhores que aqui estão,
Estou aqui para apresentar
Este nosso boi-de-mamão,
Que foi feito para brincar."**

Extraído do texto: AZEVEDO, Fernando Corrêa de. O Boi-de-Mamão do litoral paranaense. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, n.6, p. 116, 1963.

Esculturas representativas do folguedo Boi de Mamão, originárias de Florianópolis, onde essa manifestação cultural acontece até os dias de hoje.

Congada

A festa da Congada é uma mistura de elementos católicos e africanos, formulada pelos escravos trazidos para o Brasil ainda no século XVII. Neste folguedo é representada a coroação do Rei do Congo, através de um cortejo com música e dança. Fazem parte do cortejo o rei e a rainha, além do mestre, músicos, capitão e o batalhão. Durante a festa um santo católico é reverenciado pelos integrantes da Congada, sendo o mais popular deles São Benedito (SILVA, 2009, p. 32-33).

Essa manifestação remete à conversão do Reino do Congo à fé católica, ocorrida no final do século XV, e às guerras tribais travadas com os povos vizinhos, como o de Angola, que não havia se convertido. Ao desembarcarem no Brasil, os escravos africanos reinventaram as suas tradições, incluindo elementos

católicos a ela, e a Congada é um dos exemplos dessas reinvenções.

A Lapa, hoje cidade que faz parte da região metropolitana de Curitiba, foi fundada no século XVIII e esteve voltada às atividades da pecuária e do tropeirismo. Para isso, a mão de obra escrava foi bastante utilizada, sendo que havia escravos africanos e também crioulos, ou seja, nascidos no Brasil. Essa comunidade escrava deu início à festa da Congada na região, que acontece todo dia 26 de dezembro.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).

**“Minha gente venham ver
Os conguintos a dança
Vestidinhos de amarelo
E brinquinhos de sinhá
Tiro léu, léu, léu
Tiro léu, léu, léu
Tiro léu, léu, léu
Os conguinto bate o pé”**

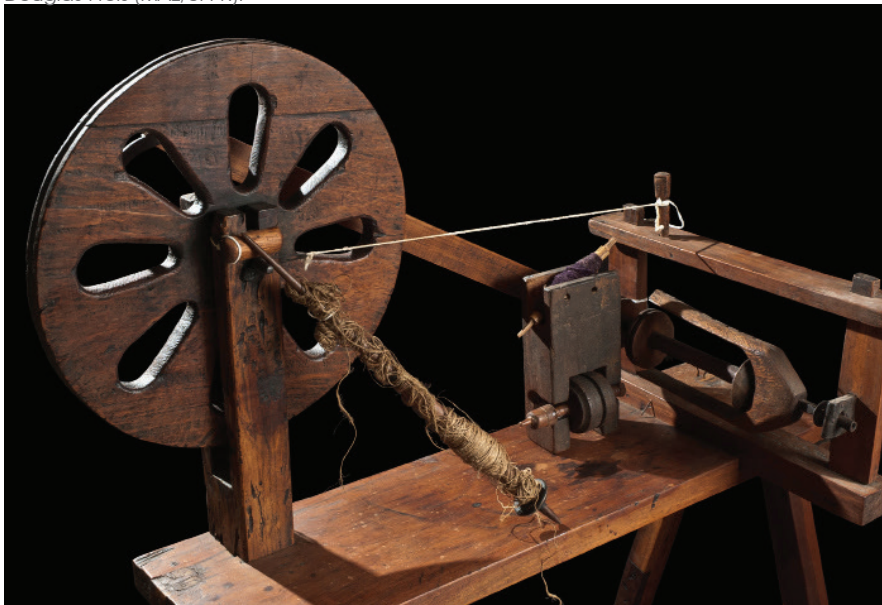
Canto do desfile final. Extraído de texto elaborado pelo professor José Loureiro Fernandes para uma mostra museológica sobre a Congada da Lapa que se realizou no Museu de Arqueologia e Artes Populares.



Coroa e cetro do Rei do Congo.

Tecelagem e Fiação

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Roda de fiar (ou roca) e fuso. A roda de fiar é utilizada na fiação, movida por um pedal ou manivela. Já o fuso é um instrumento roliço e pontiagudo, de madeira, osso, marfim ou metal, onde a fibra será fiada

A técnica artesanal da tecelagem é uma das mais antigas da humanidade. No Egito Antigo já eram usados teares para a confecção de tecidos. Mesmo atualmente, com a tecnologia e as máquinas, esse é um saber que sobrevive em algumas regiões do Brasil, como Minas Gerais. Inclusive, é da região da zona da mata mineira uma das primeiras peças adquiridas para o MAE: um tear.

No Brasil dos séculos XVIII e XIX os tecidos eram feitos com algodão e serviam para fazer roupas para os escravos e para a camada mais pobre da população (MACEDO, 2003, p. 5). O

processo era todo manual, desde a colheita do algodão até o tingimento do tecido.

Na exposição é possível ver uma roca e um fuso, ferramentas utilizadas para fiar a fibra do algodão. Além disso, estão expostas também algumas amostras de tecidos, já confeccionados a partir da técnica artesanal da tecelagem.

Fandango

O fandango é música e dança. É um baile animado por músicos que tocam violas, rabecas e adufos, e por dançarinos que usam tamancos para produzir sons ao ritmo da música, denominados de marcas. No litoral do Paraná, principalmente nas cidades de Paranaguá e Guaraqueçaba, os bailes de fandango ainda acontecem com frequência.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Tamancos.

Os tamancos do fandango são usados exclusivamente pelos homens, que batem o pé ao ritmo da música. Eles também são produzidos artesanalmente com a caixeta, que inclusive é conhecida também pelo nome de pau-de-tamanco.

produzem seus próprios instrumentos com a caixeta, madeira clara, leve e macia, ideal para fazer violas e rabecas. A grande maioria dos instrumentos musicais do fandango que fazem parte do acervo do MAE foi produzida em Paranaguá, pelas mãos de hábeis artesãos e músicos que contribuem para a continuidade dessa manifestação cultural do litoral paranaense. Em novembro de 2012 o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) reconheceu oficialmente e registrou o Fandango Caiçara como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Sua origem remete a tradições espanholas e portuguesas de dança e música, trazidas ao Brasil pelos colonos e repassadas aos seus descendentes. Já em terras brasileiras, os bailes quase sempre eram antecidos pelo chamado mutirão, em que os vizinhos reuniam-se para ajudar no plantio e na colheita de uma roça. O beneficiado, por sua vez, oferecia um baile como agradecimento. Era um baile de fandango.

A Ilha de Valadares, em Paranaguá, é um dos redutos do fandango paranaense. Lá existem alguns grupos que inclusive

Ação Educativa

Ações educativas e inclusivas do MAE no âmbito da Sala Didático-Expositiva.

O acervo do MAE tem algumas características que o singularizam em grande medida. A principal delas é, talvez, o fato de se constituir por peças que nem sempre são consideradas como uma arte propriamente dita. No máximo, lhe é atribuído o caráter de 'artesanato'. São cestarias, panelas, bordados, adornos plumários, ou confeccionados com ossos, fibras vegetais e outros materiais. De fato, são peças que falam de uma relação muito próxima entre o homem e o meio natural em que vive, ou viveu. São, ainda, objetos que podem ser encontrados nas casas de muitos de nós e que por isso, parecem por demais próximas para figurarem em um museu.

Em tal contexto, é por vezes difícil fazer reconhecer a arte de se construir uma rede de pesca, ou uma canoa, a um filho e neto de pescadores, que cresceu vendo este ofício ser praticado cotidianamente, assim como encontramos dificuldade em superar preconceitos para com aquilo que é visto como 'coisa de índio', ou 'de caboclo'.

Justamente aproveitando tais peculiaridades – como vantagens e não impedimentos – e explorando seu enorme potencial, procuramos construir pontos de comunicabilidade através de aproximações entre o público e o acervo, através de suportes tais como os mitos indígenas e narrativas tradicionais, que desvendassem outros pontos de vista, e visões de mundo, e trouxessem à luz criatividade, inventividade, conhecimento e novas formas de aprendizado; semelhanças e diferenças que são trabalhadas através das exposições e da aplicação de atividades lúdico-pedagógicas em oficinas especialmente pensadas para este fim, bem como através da composição de produtos, métodos e materiais concebidos para a apresentação do conteúdo museal de forma criativa e interessante.

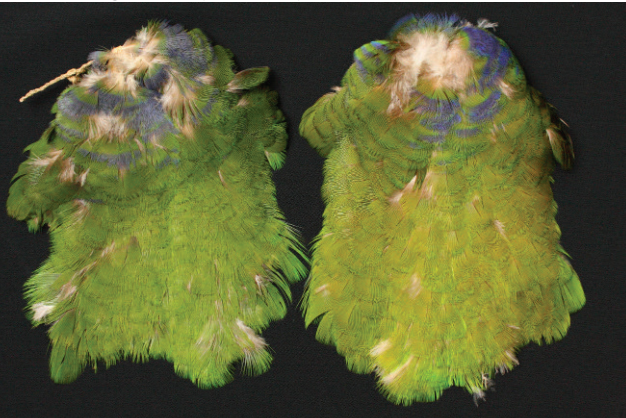
Parte de nosso esforço, portanto, é propiciar um reconhecimento das técnicas e minúcias presentes nesta Arte do Cotidiano que compõe nosso acervo. É desvelar a alteridade e, também, a unidade, a cultura que nos circunda, que nos faz iguais e diferentes; que nos constitui e nos unifica como sociedade humana. Assim, o nosso espaço não se propicia apenas ao 'encontro com a alteridade', mas também ao visitante é possível encontrar-se. Saber do outro, mas também de si.

Douglas Fróis (MAE/UFPR)



Cesta

Douglas Fróis (MAE/UFPR)



Adorno indígena

E o que são Ações Educativas?

Responder à indagação acima, talvez, seja um bom ponto de partida para explicar o tipo de trabalho desenvolvido em nosso espaço. Para isso, é preciso ter em mente que um dos objetivos do museu é a difusão do conhecimento. E, para alcançar tal objetivo, é necessário decodificar as informações técnicas em uma informação acessível e interessante aos visitantes.

Então, pode-se dizer que a Ação Educativa em Museus nada mais é do

que uma vertente, dentre outras possíveis, por onde os saberes contidos nas pesquisas, no acervo e nas exposições alcançam uma parcela muito especial dos visitantes: o público infanto-juvenil. Trata-se de um segmento que merece atenção e cuidado por parte de qualquer instituição que pretenda cativá-lo, máxima que se torna ainda mais premente quando pensamos em espaços museológicos.

Assim, aliado ao conteúdo expositivo, e a ele relacionado, são oferecidas uma série de atividades lúdico-pedagógicas direcionadas ao público infanto-juvenil, fazendo com que temas e conceitos por vezes complexos sejam transmitidos de forma mais branda e divertida, o que faz com que seja também mais interessante. Ou

seja, está se falando aqui de 'aprender brincando', desta vez, não na escola, e sim no museu.

No caso específico do MAE-UFPR, há a peculiaridade de que o nosso público majoritário é composto pela comunidade escolar, que ocorre a nosso espaço principalmente em visitas programadas pelas instituições de ensino.

Nestas visitas, percebe-se que a demanda principal dos discentes é justamente que o museu seja um espaço para abordagem e discussão diferenciadas de alguns temas que fazem parte do currículo escolar obrigatório, temas esses que estão em interação com o nosso acervo.

Com isso, nossa proposta de Ação Educativa vai além do oferecimen-

Ação educativa é o mesmo que educação patrimonial?

Acervo de imagens do Projeto Ver com as Mãos, Danile Pedrozo



Visita de alunos do IPC à Sala Didática.

to de atividades lúdico-pedagógicas aliadas às exposições, procurando fazer com que a própria exposição e, por conseguinte, o nosso museu, seja um espaço interativo e lúdico, e que possa ser utilizado por professores como ferramenta de apoio para a apresentação de temas do currículo escolar. Com isso, o acervo torna-se uma via de comunicação direta, que extrapola o espaço físico que o guarda e caminha em direção ao seu público, torna-se parte integrante do cotidiano da comunidade que o circunda, instrumento de instrução e mediação cultural.

E foi com o intuito de estreitar ainda mais os laços entre o museu e seu público, que o MAE lançou, no ano de 2008, o projeto dos Kits Didáticos (integrando o Programa Monumenta da UNESCO), que consistia na elaboração de caixas temáticas contendo peças do acervo, textos de apoio e atividades lúdico-pedagógicas, para serem aplicados em sala de aula por professores, como ferramenta de apoio para apresentação de conteúdos do currículo escolar. Foi tal o sucesso do projeto que resolveu-se por sua continuidade para além do encerramento do Programa patrocinado pela UNESCO.

Assim nascia, em 2010, o setor de Ações Educativas que, desde sua fundação, trabalha também com a inclusão, visitando espaços tais como o Instituto Paranaense de Cegos, a Escola Vivian Marçal, (destinada a deficiências neuro-motoras), e abrigos de crianças e adolescentes afastados da família biológica. Todos os projetos norteiam-se pelo pressuposto de que um museu deve garantir a fruição do patrimônio sob sua guarda, bem como ampliar o acesso ao conhecimento.

Para tanto, é necessário que o acervo alcance o público e propicie maneiras de exploração por outros sentidos além da visão. Esta interface torna o museu verdadeiramente acessível para crianças e adolescentes que, por limitações físicas, sociais ou espaciais, talvez não pudessem ter de outro modo um contato com os conteúdos que temos disponíveis.

Hoje, o Setor de Ações Educativas e Inclusivas do MAE conta com uma equipe multidisciplinar de bolsistas, vinculados aos cursos de História, Ciências Sociais, Artes e Educação, que atuam na produção e aplicação dos métodos e materiais especialmente concebidos para estreitar esta relação entre o museu e seu público.

Ação Educativa e Educação Patrimonial devem ser entendidos não propriamente como sinônimos, mas como dois itens que devem compor a pauta de atividades realizadas pelo museu no sentido de propiciar a necessária valorização do vasto patrimônio cultural brasileiro.

Ação Educativa, como já foi abordado no texto, reporta-se ao conjunto de métodos e materiais que visam difundir a cultura e a diversidade cultural e, com isso, tornar possível ao público infantil um melhor entendimento do mundo que nos cerca. Já a Educação Patrimonial alia as ações educativas à valorização do nosso patrimônio cultural. Como nos diz Horta (2006):

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Dedoches

um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Portanto, ação educativa e educação patrimonial devem caminhar juntas, não apenas para difusão e valorização da cultura que nos circunda, mas também para que possamos, de fato, falar em acessibilidade e democratização cultural em nossa sociedade.

Douglas Fróis (MAE/UFPR).



Boneca karajá

É possível fazer certa analogia entre o que chamamos de ‘educação patrimonial’ com a forma de algumas etnias indígenas ensinarem às suas crianças.

Os Karajá, etnia que habita a região do Rio Araguaia, usam pinturas corporais extremamente elaboradas, em que estão contidas informações tais como gênero, idade, estado civil e posição social e os talentos de cada indivíduo que compõe o grupo. Para transmitir às crianças tais ensinamentos, utilizam-se de um conjunto de objetos que são hoje a marca principal de sua cultura: as bonecas karajá (*ritxòkò*).

As bonecas de cerâmica fabricadas pelas mulheres karajá são hoje comercializadas e se constituem em uma significativa fonte de renda para esta etnia mas, tradicionalmente, eram os principais instrumentos de socialização das crianças. (Veja mais sobre os diferentes usos dados às bonecas karajá na página 8 deste Guia). A composição das *ritxòkò*, ofício exclusivamente feminino, atende a ensinamentos passados de mãe para filha e que, em si mesmas, exaltam os valores particulares da etnia.

Ainda hoje, as meninas são presenteadas com um conjunto dessas bonecas, representando diferentes etapas da vida, desde o bebezinho até os idosos, e cada boneco é pintado e adornado de acordo com a fase da vida ou o status dentro do grupo que representa. Com isso, as crianças aprendem como se pintam os bebês logo que nascem, qual a pintura que se faz quando se passa pelo rito de iniciação, qual corresponde ao casamento, à

gravidez, dentre outros marcos de sua cultura. Embora as bonecas sejam dadas apenas às meninas, meninos e meninas brincam e aprendem juntos.

Entre outros grupos são também comuns os usos de objetos para o aprendizado, como acontece com os Kaingang que, ensinando à confeccionar objetos nos quais empregam seus padrões gráficos tradicionais, vão ensinando às crianças a sua concepção de um mundo dual e complementar. Assim, ao mesmo tempo em que aprendem sua cultura, aprendem também a valorizá-la, na medida em que é através deste conjunto de ensinamentos que vão, aos poucos, encontrando seu lugar no mundo. Também se encontra uma referência semelhante entre os Xetá, que usavam um boneco feito de cera de abelha chamado Möeu, que representa um ser de sua cosmologia, para contar às crianças o modo como o mundo foi criado, de acordo com sua concepção.

Como se pode perceber, nós também aprendemos – e muito! – com os indígenas a fazer uso de e-

mentos da cultura material para difundir e valorizar a cultura, portanto, a fazer aquilo que chamamos de “educação patrimonial”!

As Caixas Didáticas e seus muitos desdobramentos

A caixa educativa é um dos principais produtos das Ações Educativas e Inclusivas realizadas pelo MAE-UFPR. Seu objetivo é levar o acervo do museu para fora de seus muros, possibilitando um maior acesso às peças. Através das caixas, alunos da educação fundamental e média poderão ter um primeiro contato com o acervo, incentivando a visita ao museu.

Dentro de cada caixa há peças especialmente escolhidas para a proposta, além de material de apoio e propostas de atividades lúdicas com fundo didático, elaboradas com base no acervo do MAE. A ideia é que, fazendo uso didático do material das caixas, o professor leve aos alunos uma outra perspectiva do tema abordado.

A Caixa Didática é oferecida como um material de apoio ao professor para que, através dele, possa ministrar temas do currículo escolar obrigatório, de forma criativa e interessante, possibilitando assim maior interação com os estudantes.

Os temas dos Kits obedecem às áreas temáticas do MAE, havendo, portanto, caixas com os temas da Arqueologia, Etnologia Indígena e Cultura Popular, e que podem ser utilizadas em aulas de história, geografia, português, artes, teatro, ciências sociais, entre outras disciplinas, a depender do interesse e criatividade dos professores envolvidos.

No desenvolvimento de temas e atividades para as Caixas, novas ideias foram surgindo, e outros produtos foram sendo criados, em um contínuo de inovação e criatividade, sempre no intuito de decodificar para nosso público o conteúdo de anos de pesquisa e trabalho acumulado contido em



Jogo da Onça

nosso acervo. Assim, surgiram propostas interessantes e inovadoras, como um Jogo de Xadrez com peças baseadas na Congada da Lapa, um Jogo da Memória com grafismos indígenas, bonecas temáticas que reproduzem trajes de festas populares, ou formas de adornar-se de etnias indígenas, um Jogo de RPG, dentre várias outras propostas, inclusive este Guia Temático que se encontra em suas mãos, tudo isso visando estabelecer caminhos de diálogo e interação entre nosso acervo e o público.

Ficha Técnica

A elaboração do Guia Temático “O Museu visita a Escola”, destinado aos professores de Ensino Fundamental e Médio da rede pública do Estado do Paraná, foi viabilizada pelo Edital de Fortalecimento da Extensão, aberto na UFPR em 2012. A proposta do MAE foi contemplada na íntegra e obteve R\$ 19.888,00 em recursos financeiros.

A distribuição do Guia Temático será coordenada pelo MAE. Os exemplares serão encaminhados, por amostragem, às escolas. Aquelas não contempladas poderão, por meio de suas Direções, solicitar o material pelo e-mail diretoria.mae@ufpr.br. Nesse caso, atenderemos as solicitações mediante disponibilidade de exemplares.

Nossos agradecimentos à Reitoria da UFPR, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e à toda equipe do MAE que participou da elaboração deste GUIA.

Universidade Federal do Paraná

Reitor: Zaki Akel Sobrinho

Vice-reitor: Rogério Andrade Mulinari

Pró-reitora de Extensão e Cultura: Elenice Mara Matos Novak

Museu de Arqueologia e Etnologia

Diretora: Márcia Cristina Rosato

Vice-diretora: Laura Pérez Gil

Textos

Etnologia: Laura Pérez Gil

Arqueologia: Laércio Loiola Brochier, Sady Pereira do Carmo Junior e Isabela Suguimatsu.

Cultura Popular: Bruna Marina Portela

Ações Educativas: Andréia Baia Prestes

Diagramação e capa: Juan Diego Salvadori

Grafismos: Ana Paula Moraes da Silva e Glória Maria Dutra Wolff.

Revisão ortográfica: Maria Cristina Perigo

Equipe MAE

Ana Luisa de Mello Nascimento, Andréia Baia Prestes, Ângela Carolina de Castro Simões, Bárbara Bueno Furquim, Bruna Marina Portela, Dorila Rosane de Paula Rodrigues, Douglas Cléverson Fróis, Elizabeth Maciel Scomassão, Fábio Marcolino, João Kalluf, Laércio Loiola Brochier, Laura Pérez Gil, Luiz Carlos Alves, Luiz Cezar Rodrigues, Márcia Cristina Rosato, Regiane Souto Pereira Pelaquini, Sady Pereira do Carmo Junior, Yara Aparecida Garcia Tavares.

m
AE

MUSEU DE
ARQUEOLOGIA E
ETNOLOGIA
UFPR



MUSEU DE
ARQUEOLOGIA E
ETNOLOGIA
UFPR

Este produto foi confeccionado com o apoio da PROEC/UFPR, e faz parte dos produtos comemorativos do Centenário da UFPR.

Apresentação

O Guia Temático “O Museu Visita a Escola”, elaborado pela equipe de pesquisadores do MAE-UFPR, é uma iniciativa destinada às escolas de ensino fundamental e médio. Nele, os professores encontrarão um conjunto de textos temáticos e sugestões de atividades pedagógicas pensadas como recursos facilitadores para o ensino e a aprendizagem sobre a Arqueologia, a Etnologia dos povos ameríndios, a Cultura Popular e os Saberes Tradicionais de diferentes grupos sociais, o Patrimônio Material e Imaterial, entre outras temáticas desenvolvidas na Sala Didático-Expositiva do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.

Pretendemos que as informações disponibilizadas auxiliem os professores a incentivarem o desenvolvimento das habilidades cognitivas de seus alunos, contribuindo para que o processo da aprendizagem transcorra na confluência das múltiplas dimensões que compõem o conhecimento humano, da abstração conceitual às capacidades perceptuais. Nesse sentido o GUIA é um desafio que instiga a uma experiência de aprendizagem para a qual olhar, sentir, tocar, ouvir, questionar, investigar e comparar são os pontos de partida.

Esperamos que as visitas à Sala Didático-Expositiva do MAE produzam uma experiência de conhecimento lúdica, por meio da qual os estudantes venham a conhecer, valorizar e respeitar as diferentes culturas humanas, em seus distintos espaços sociais e temporalidades, a partir dos objetos expostos no circuito museográfico.

Lembramos, ainda, da importância que atribuímos à noção da aprendizagem como um processo dinâmico, gerador de ações que situem cada sujeito social, coletivo ou individual, como produtor de cultura no cotidiano que nos envolve.

Este GUIA está composto da seguinte forma:

1. informações sobre o MAE e sua natureza acadêmica como instituição de pesquisa, ensino, extensão, com a responsabilidade de preservar e dar fruição aos conhecimentos de diferentes sociedades humanas representadas em seu acervo;
2. um conjunto de textos temáticos relativos às áreas de conhecimento do museu;
3. um conjunto de pranchas com fotografias de objetos da Arqueologia, Etnologia Indígena, Cultura Popular e Ações Educativas destinadas à apreciação crítica;
4. um conjunto de pranchas com atividades educacionais e referências bibliográficas sugeridas aos professores que podem ser desenvolvidas tanto na Sala Didático-Expositiva do MAE quanto fora dela;
5. um livro de contos indígenas e narrativas populares;
6. um CD de áudio relativo ao livro de contos, pensado como material de acessibilidade para o público portador de baixa visão ou deficiência visual.

Solicitamos, cordialmente, aos professores que nos enviem a avaliação deste material, registrando sobre sua utilização e possíveis sugestões para que possamos incorporar em novas edições.

Márcia Cristina Rosato
Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia
da Universidade Federal do Paraná

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

O MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia abriga em seu acervo cerca de 80 mil objetos e imagens relacionados às culturas da América, com ênfase para o Brasil. Trata-se de adornos, armas, cerâmicas, pinturas, plumárias, vestimentas, utensílios domésticos e rituais, instrumentos musicais e de trabalho, fotografias, filmes, entre tantos outros.

Esses objetos recontam histórias que foram tecidas ao longo do tempo, desde a pré-história até nossos dias, e exigem um trabalho incessante de pesquisa para que possamos compreendê-los e trazer à tona as experiências das pessoas e sociedades que os produziram, atribuindo-lhes significados.

O conjunto desses objetos, que constituem o acervo do MAE, está subdividido em quatro grandes coleções que replicam a denominação das áreas de pesquisa do museu, são elas as coleções de Arqueologia, Etnologia, Cultura e Patrimônio e Documentação Textual, Sonora e Visual.

As pesquisas nas coleções, além de produzirem conhecimentos, são referências importantes para a publicação de artigos e elaboração de cursos formativos, para os estudos que convergem em monografias de encerramento de graduação, teses de mestrado e doutorado, para a elaboração de programas e projetos extensionistas de caráter educativo e museológico e, particularmente, para a criação de materiais lúdico-pedagógicos e organização de exposições que garantam o acesso da comunidade mais ampla, especialmente do público escolar e de portadores de necessidades especiais, às informações sobre o acervo.

Acervo e Atividades do MAE

O acervo do MAE é resultado de pesquisas desenvolvidas por professores e pesquisadores vinculados à Cátedra de Antropologia da UFPR, posterior Departamento de Antropologia, desde os anos de 1940 até o momento. Além da pesquisa, os objetos são provenientes de coleta, compra e doações originadas nas diversas regiões do Brasil.

Desde a sua inauguração em 1963, como primeiro museu universitário do Paraná, o MAE desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão para a comunidade.

A base do trabalho científico do MAE está nos processos curatoriais, ou seja, nas ações de pesquisa, salvaguarda e difusão do conhecimento gerado a partir das coleções museológicas. Nesse sentido, o acervo torna-se uma via de mão-dupla, pois ao ser tomado por objeto de estudos, acaba por produzir novos conhecimentos e novas coleções que serão, futuramente, parte desse mesmo acervo, permitindo novas pesquisas e novos produtos de divulgação.

Além disso, a diversidade e as particularidades do acervo possibilitam os trabalhos museológicos de expografia, tanto de exposições de longa duração quanto de exposições temporárias, e múltiplos produtos didáticos destinados às ações educativas.

Instalações

O MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia é um complexo museológico multilocalizado, constituído por sua sede expositiva na cidade de Paranaguá, localizada no antigo colégio dos jesuítas, edificação colonial de arquitetura jesuítica, tombada pelo Patrimônio Nacional, a Reserva Técnica e a Sala Didático-Expositiva, localizadas, ambas, em Curitiba. A Reserva Técnica é a unidade de tratamento, pesquisa e planejamento museológico e a Sala Didático-Expositiva uma unidade destinada à prática das ações educativas do MAE; nela está montada uma exposição didática sobre os temas de referência do museu; Arqueologia, Etnologia e Cultura e Patrimônio.

O museu é um órgão suplementar, ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da UFPR, em sua face acadêmica.

Para contatos, seguem os endereços do MAE.

Edificação Jesuítica – Monumento – Paranaguá
Rua XV de Novembro, n.º 575
Centro Histórico – Paranaguá – Paraná
Fone: (41) 3721-1200
e-mail: mae@ufpr.br

Reserva Técnica
Rua Bom Jesus, 650, Campus Juvevê
Juvevê – Curitiba – Paraná
Fone: (41) 3313-2042 e 3313-2045
e-mail: maert@ufpr.br

Sala Didático-Expositiva
Prédio Histórico da UFPR – subsolo – Praça Santos Andrade
Centro – Curitiba – Paraná
e-mail: educativa@ufpr.br

Sugestões de atividades

Neste encarte, temos algumas atividades para serem desenvolvidas em sala de aula com seus alunos. Elas foram pensadas para atender diferentes faixas etárias, e têm níveis de complexidade variados, cabendo a você, professor, escolher qual (ou quais) se adaptam melhor ao perfil dos seus alunos.

Além disso, como algumas dessas atividades são baseadas nos contos do livro *Assim Vivem os Homens*, que você também recebeu junto com o Guia Temático, sugerimos que antes de realizar a atividade seja feita a leitura correspondente, de acordo com a indicação constante do cabeçalho, para assim haver maior aproveitamento da proposta.

Atividade 01: Mapeando a agricultura em sua região (Conto: “A origem da Mandioca”).

Tendo lido o conto sugerido, os participantes devem pesquisar as atividades de agricultura realizadas nas proximidades de onde vivem e desenhar um mapa localizando-as e descrevendo algumas especificidades descobertas através da pesquisa. O mapa pode ser ilustrado com fotografias ou recortes de revistas. Sugira-lhes, ainda, que tragam para a sala alguma receita que leve algum dos ingredientes que são cultivados na região.

Material necessário: Folha para desenhar e fazer anotações.

Atividade 02: O que se planta lá em casa? (Contos “A Origem do Milho” e “A Origem da Mandioca”).

Considerando a importância da agricultura para as sociedades indígenas, sobretudo para a produção de gêneros alimentícios, discuta com seus alunos.

A) Quantas pessoas você ou seus familiares conhecem que fazem algum tipo de cultivo para consumo próprio?

B) Qual o tipo de vegetal? Ele é utilizado como alimento, condimento, remédio ou para outros fins? Se possível, solicite aos alunos amostras para apresentar e discutir com os colegas.

C) Você faz uso desses tipos de produtos? Caso não haja na sua casa, onde você costuma obter?

Adendo: Experimentando

Hora de apresentar aos alunos a experiência de se cultivar algo com as próprias mãos. Para isso, cada aluno precisará de:

- Um suporte (copo descartável ou outro recipiente plástico usado, porém limpo);
- Algodão, ou terra para vaso;
- Semente de alguma planta. Sugira que ele peça para a mãe separar sementes do tomate comprado no mercado, por exemplo, ou grãos de feijão, grão-de-bico, melancia, etc, ou que compre um pacote de sementes de fácil cultivo.

Procedimento: Tendo preparado o copinho, cada um deverá plantar sua semente, colocando-a em um local iluminado, e garantindo que o substrato (terra ou algodão) esteja sempre úmido mas não encharcado. Quando as mudas estiverem com aproximadamente 20 cm, deverão ser mudadas para um vaso maior ou para uma horta. Peça às crianças que façam o acompanhamento desse processo, fotografando ou desenhando as fases da planta.

Atenção: Esta atividade, bastante simples, pode ser um projeto piloto para o desenvolvimento de uma horta na escola. É importante procurar incrementá-la sugerindo, por exemplo, que cada aluno leve uma semente diferente, e que pesquisem técnicas de cultivo em horta. A conversa poderá se encaminhar para temas como sustentabilidade, equilíbrio ambiental, e até mesmo alimentação saudável.

Atividade 03: Recontando um conto: Convide seus alunos a fazer uma composição relacionada com um dos contos do livro *Assim Vivem os Homens*. Poderão, para isso, desenhar, fazer fantoches/dedoches, ou até mesmo encenar o conto que mais tiver agradado, e fazer isto individualmente ou em grupo.

Material necessário: à escolha dos alunos. Será mais interessante pedir que eles próprios usem de sua

criatividade para escolher e conseguir os materiais para seu trabalho, ou fornecer um grande leque de opções, desde papéis e tintas, até tecidos e fantasias.

Atividade 04. Tema: Adornos Corporais (Etnologia)

Nas sociedades indígenas, como na nossa sociedade, a ornamentação corporal é muito importante e apreciada. Além de um papel estético, os ornamentos têm uma função social (indicam, por exemplo, faixa etária, gênero ou posição do portador em relação ao grupo) e cosmológica (atraindo potências desejáveis para o portador, como por exemplo, a habilidade para caça atraída por um colar de dentes de um animal predador).

Para conduzir a atividade, sugerimos que você mostre aos alunos fotografias de indígenas, punks, modelos, etc, para que eles possam perceber a presença não só dos adornos em diferentes grupos, mas para que também possam notar que os enfeites em nossa sociedade também podem ser vistos como símbolos de status, posição social, gênero e outros.

1. Que papel os ornamentos corporais têm no nosso dia-a-dia? Eles também têm uma função social? Discuta a questão com seus alunos.

2. Os ornamentos corporais no seu dia-a-dia também atraem algum tipo de benefício para quem os usa? Que tipo de benefício?

3. A atribuição de poderes aos ornamentos corporais é associada, por vezes, à matéria-prima utilizada, que no caso indígena é quase sempre de origem natural (os dentes de uma onça, por exemplo, se se deseja vigor e habilidade na caça). Sugira aos alunos que criem, em desenho, um ornamento que eles gostariam de possuir, respondendo às seguintes questões:

- Do que seria feito?
- Como e em que ocasiões seria utilizado?
- Que tipo de benefícios seria capaz de lhe trazer?

Atividade 05. Tema: Objetos do Passado (Cultura Popular)

Quando pensamos a respeito do cotidiano de nossos pais, avós e bisavós, vemos que muitos aspectos passaram por um processo de transformação bastante intenso, que se reflete nos objetos utilizados no dia-a-dia (dos ferros de brasa aos ferros elétricos, das máquinas de escrever aos computadores portáteis, etc.). Solicite a seus alunos que tragam algum objeto antigo encontrado em sua casa ou na casa de familiares e exponham para os colegas, explicando qual era a sua utilização. Caso não possuam o objeto, peça para que façam desenhos ou que tragam fotografias. Solicite que eles façam uma pesquisa a respeito do objeto, procurando dados sobre sua origem, os processos de transformação sofridos, se é ainda utilizado, ou não, o que se usa em substituição, etc.

Atividade 06. Tema: Ritos Fúnebres (Arqueologia)

As ideias sobre a morte e o pós-morte variam muito de acordo com a sociedade em que se vive e tem reflexos nos sistemas funerários. Divida a turma em seis grupos, cada grupo deverá fazer uma pequena pesquisa destacando os traços mais expressivos do sistema funerário e das concepções de morte para o grupo sorteado, produzindo ao final uma exposição de cartazes com colagens, desenhos e pequenos textos. Ficará a critério do professor a eventual criação de mais grupos e sugestão de mais sociedades a pesquisar.

- Grupo 1: Hinduísmo;
- Grupo 2: Religiões Africanas e Afrobrasileiras;
- Grupo 3: Religiões do Extremo Oriente (budismo e taoísmo);
- Grupo 4: Sociedades Indígenas Brasileiras;
- Grupo 5: Islamismo;
- Grupo 6: Judaísmo.

Atividade 07. Conto “A origem da furação das orelhas segundo os índios Waurá”

Nas sociedades indígenas, a passagem da infância para a vida adulta quase sempre é marcada por algum tipo de ritual que visa transformar o corpo da criança em um corpo adulto com as potencialidades que

essa fase da vida necessita. Após narrar o conto para seus alunos, proponha a eles um desenho de caráter comparativo. Dividindo uma folha de sulfite ao meio, eles devem desenhar, na primeira metade, o que entenderam sobre o rito de passagem para a vida adulta entre os Waurá e, na segunda metade, o que, segundo sua opinião, marca a passagem para a vida adulta na nossa sociedade.

Atividade 08. Tema: Brinquedos (Etnologia)

Em diversos grupos indígenas, como por exemplo, entre os Karajá, os brinquedos, para além de uma função lúdica, têm também uma função pedagógica, ensinando às crianças questões da cosmologia, da vida cotidiana e dos valores do mundo em que vivem.

1-Discuta com seus alunos em sala de aula: Você acha que os brinquedos, em nossa sociedade, têm papel semelhante? Que tipos de valores eles transmitem? Você concorda com esses valores?

2-Proponha a divisão em grupos de 3 a 5 alunos, para a criação de “brinquedos pedagógicos”. Esses brinquedos poderão ser feitos com material reciclável, papel machê, biscuit ou qualquer outro material, ficando a critério do professor designar o material mais apropriado. Além do papel lúdico, esses brinquedos deverão ensinar alguma questão importante sobre a vida cotidiana, os valores sociais ou a cosmologia. O grupo deverá apresentar o brinquedo para os colegas.

Atividade 09. Tema: Retratos do Cotidiano (Cultura Popular).

As cerâmicas de Mestre Vitalino, bem como algumas cerâmicas produzidas pelos seus seguidores, são conhecidas, para além do primor estético, como retratos do cotidiano sertanejo e das comunidades do interior, cenas essas por vezes comuns ao dia-a-dia de nossos pais e avós. Organize entre seus alunos uma exposição de esculturas (que podem ser feitas em argila, papel machê ou no material que lhes convier) que retratem cenas comuns do seu próprio dia a dia.

Atividade 10. Tema: Ornamentos (Arqueologia)

Os sítios arqueológicos nos revelam um universo ainda bastante desconhecido. Por exemplo: desconstruindo a concepção de que as sociedades pretéritas viviam apenas em função da sobrevivência (em busca de alimentos e em fuga da morte), foram encontrados em abrigos (cavernas) objetos entalhados em pedra e osso (o que sugere um considerável tempo empreendido para sua confecção) de função visivelmente decorativa, o que deixa claro que as preocupações estéticas também tinham seu papel na vida dessas sociedades. Discuta com seus alunos o papel que o “belo” ocupa em nossa sociedade, sobretudo através dos objetos. Depois, sugira a produção de uma imagem (fotografia, desenho, vídeo, cartaz, colagem, escultura ou o que o aluno achar mais conveniente) retratando a importância de algum (ou mais de um) objeto “de finalidade estética” na sua vida, ou na de sua família.

Atividade 11. Tema: Rituais (Etnologia)

O universo social indígena não é composto apenas de seres humanos. Animais, plantas e entes sobrenaturais, como os mortos e os espíritos da natureza, são também parte da vida social, e os rituais são uma forma de mediação da relação com esses seres sagrados, como são na maioria das religiões. Essas relações rituais são expressas, por vezes, através de objetos. Sugira a seus alunos desenharem ou trazerem amostras de objetos presentes nos rituais e cultos da religião que praticam ou de alguma que conhecem, explicando de que forma esses objetos fazem mediação com o universo sobrenatural.

Atividade 12. Tema: O Folgado do Boi (Cultura Popular)

O folgado do boi é uma festividade da cultura popular celebrada em quase todo o Brasil e que possui algumas variações na maneira como é executado e contado. Uma delas diz que: “Certo dia Catirina, uma mulher grávida, teve desejo de comer língua de boi. Depois de muita insistência, seu marido foi ao pasto e cortou a língua de um boi para preparar para que ela comesse, sem saber que se tratava do boi predileto de seu patrão, que sangra muito e acaba morrendo. O Patrão manda prender o peão, que é salvo por um pajé que consegue fazer o boi ressuscitar.”

1- Proponha aos alunos que façam uma breve encenação ou escrevam uma poesia/música contando a história. Após a encenação, sugerimos que mostre a eles um vídeo de uma festa de bumba-meu-boi, para

compararem a sua interpretação da história com a dramatização da mesma nesta festa popular.

2- Solicite a seus alunos que conversem com familiares e amigos, perguntando sobre um desejo diferente que uma mulher grávida já teve. Em que esse desejo é diferente? Solicite à turma expressões através de desenhos.

Atividade 13. Tema: Processos de Escavação (Arqueologia).

Através dos processos de escavação, a Arqueologia busca encontrar vestígios de sociedades que viveram em outros tempos e, por meio desses vestígios, traçar um panorama do modo de vida dessas pessoas. Solicite aos alunos que criem um esquema de escavação com coisas que eles gostariam que fossem descobertas sobre eles no futuro. Para isso, cada aluno vai precisar de:

- Uma garrafa PET cortada ao meio;
- Areia e terra;
- Recortes de imagens diversas, desenhos, bem como outros objetos.

Exemplo:

1- Coloque na garrafa PET uma camada de terra e coloque, de modo a ficarem visíveis pelo lado externo da garrafa, elementos que representem a vida de seus avós.

2- Faça o mesmo com uma camada de areia e elementos que representem a vida dos seus pais.

3- Coloque mais uma camada de terra e elementos que representam a sua vida hoje.

4- Coloque uma última camada de areia e, no meio, elementos que representam o que você quer para o seu futuro, e na superfície, elementos que você acha que representam a vida que seus filhos e netos terão.

5- Peça por fim que eles comparem suas ideias com os colegas.

Atenção: Esta atividade é similar ao modelo da cápsula do tempo, e você pode sugerir aos alunos que guardem suas PETs para, no futuro, conferir os acertos e erros de suas previsões.

Atividade 14. Tema: Etnias Indígenas do Paraná (Etnologia)

Divida a turma em três grupos, devendo cada grupo se responsabilizar pela investigação de uma etnia indígena paranaense (Guarani, Kaingang ou Xetá), levantando as seguintes informações:

- Tronco Linguístico;
- População aproximada no Paraná;
- Local onde se encontram;
- Características da organização social;
- Principais objetos que produzem;
- Época do contato com o “homem branco”;
- Como se deu esse contato? Quais os resultados para esse grupo?;
- Existências ou não de terras demarcadas.
- Aspectos que chamaram sua atenção sobre o grupo pesquisado.

Ao final da pesquisa, cada grupo deverá produzir um pequeno texto contendo essas informações. Após esse passo, a turma deverá organizar um painel de etnias paranaenses contendo seus textos e diversas imagens ilustrativas sobre os grupos pesquisados.

Atividade 15. Tema: Festas Populares do Paraná (Cultura Popular)

Divida a turma em quatro grupos, que deverão desenvolver uma pesquisa de imagens, músicas, vídeos e pequenos textos sobre as manifestações culturais populares do Paraná. Ao final dessa pesquisa, organize uma exposição/interação entre os alunos com o objetivo de apresentar os resultados. Os grupos deverão pesquisar as temáticas sugeridas abaixo, mas fica a critério do professor fazer outros grupos e sugerir diferentes festividades para a pesquisa.

- Grupo 1: Congada da Lapa
- Grupo 2: Bandeira do Divino
- Grupo 3: Dança do Pau de Fita
- Grupo 4: Fandango de Valadares (Paranaguá).

Atividade 16. Ilustrando um Conto (Arqueologia).

Abaixo, temos um conto sobre duas crianças curiosas e uma lixeira que guarda muitas surpresas. Peça aos alunos que o leiam e procurem ilustrá-lo da maneira que desejarem. Poderão fazê-lo transformando em história em quadrinhos, dramatizando-o, ou da maneira que sua imaginação mandar.

A Estranha Lixeira de Madame Anete

- GUSTAAAVO! Eu já não falei para largar esse computador e ir brincar lá fora?
 - Ah, mãe... não tem nada para fazer lá fora!!!
 - Como você sabe? Você nem foi lá! E tem mais, eu quero que você vá pôr o lixo lá fora! Tá me escutando menino?!
 - Tá bom... espera um pouco que eu já vou...
 - Não, eu disse AGORA.
 - Mãe, eu tô no meio do jogo...
- Dona Ana está tão irritada que já está pronta para desligar a chave de luz da casa para que o filho saia do computador. Mas, neste momento, batem à porta e ela vai atender. É Helena, vizinha e amiguinha de Gustavo.
- Oi, tia Ana! O Gustavo está aí?
 - Tô sim, Helena! – o menino grita lá do computador – vem cá, eu estou jogando Avengers!! É massa, vem aqui jogar comigo!
 - Gustavo, antes de continuar a jogar videogame você tem de jogar o lixo lá fora, que eu já te pedi faz tempo! E sem desculpas!
 - Vem, Gustavo! Eu te ajudo e a gente vai brincar na pracinha depois... – a menina se lembra de pedir autorização da mãe do garoto – Pode, tia Ana?
 - DEVE, querida! Deve! Eu tô faz é hora mandando esse menino ir brincar lá fora! Pelo gosto dele, passa a vida nesse computador!
- Os dois saem com os sacos para jogar na lixeira do condomínio. Enquanto viram o lixo, Helena comenta.
- Nossa, vocês comem diferente lá de casa!
 - O quê? – Gustavo pergunta.
 - É que o lixo de vocês é cheio de embalagens de coisas prontas, latinhas, plásticos, garrafas de refri... – a menina explica, apontando para o que vai vendo no interior do saco de lixo – É diferente do que tem no nosso lixo. Vocês comem sempre essas coisas?
 - É... E o que é que tem no lixo de vocês?
 - Ah, tem restos de verduras e frutas, e quase nunca tem garrafa de refri.
 - Vocês não tomam refrigerante, Leninha? – Gustavo indaga intrigado.
 - Só de vez em quando... Minha mãe fala que faz mal...- ela aponta para um saco de ração canina – Mas o Ted come a mesma coisa que o seu cachorro! – os dois riem juntos.
 - Eu tenho um tio que mora no sítio... eles quase não jogam lixo fora, sabia?! – Gustavo comenta.
 - É?
 - Eles plantam um monte de coisas, e enterram as cascas para fazer adubo. E eles têm galinhas e umas vacas, daí não compram leite, ovos, nem carne, sabe?
 - Hum... entendi. Deve ser legal! Minha mãe fala que queria morar numa chácara, quando se aposentar.
 - Eu não sei se eu queria morar lá não... para passear lá é legal, mas para morar... sei não. Não pega a internet!
 - Ah, Gustavo! Lá vem você com a internet de novo, seu mané! – Helena dá um empurrão no garoto, que acaba se desequilibrando e derrubando a lixeira. Ela se assusta. – Ai, Gu! Desculpa! Você se machucou?
 - Caramba, Helena! – o garoto levanta de cara feia, batendo a roupa para se limpar. Mas ao notar o conteúdo da lixeira que acabara de virar, esquece até da raiva da amiga. – Nossa, olha só isso! – os dois se abaixam para examinar mais de perto aquelas coisas desconhecidas.
 - De quem é essa lixeira?
 - É da Dona Anete, da casa 07. Ela é esquisita...

- Esquisita? Por quê? Você a conhece?
- Não, ninguém a conhece. Ela só vive viajando. Ninguém sabe para onde, nem o que ela faz...
- Sinistro...
- Sinistro é isso daqui... esse monte de pedra, e esses cacos... parecem tão velhos... – Gustavo se lembra de algo, e puxa novamente a lixeira da sua casa, que acabara de jogar – olha só: essa aqui é a sopeira que foi da minha avó, que quebrou ontem de noite. Minha mãe até chorou... É de cerâmica, mas é diferente dessa daqui.
- Totalmente diferente! Isso daí é porcelana. Esses parecem vasos de flores, aqueles de argila.
- É verdade. Será que era um vaso que quebrou?
- Acho que não é um vaso só não... olha só, esse tem um desenho. E esses não têm. Parecem pedaços de vasos diferentes. E olha: o que serão esses números? – a garota aponta para números marcados em alguns dos cacos – Será que era para remontar? Vamos tentar? – Helena espalha alguns dos cacos na calçada, tentando fazer um encaixar no outro.
- Mas que brincadeira é essa daí, minha gente? Vocês viraram cachorro para revirar lixo?! - As crianças são surpreendidas pela voz estridente de Júlia, empregada da casa de Madame Anete, que aparece na porta da casa dela.

As duas crianças se levantam assustadas, olhando para o chão. Gustavo toma a palavra.

- Foi um acidente, Dona Júlia! Eu caí em cima da lixeira, mas eu juro que não quebrei nada! Já estava tudo assim!
 - Eu sei. Isso aí é uma cacalhada que eu joguei. Tô fazendo faxina p'ra Madame encontrar a casa limpa quando voltar da viagem.
 - Mas o que são essas coisas? – Helena pergunta.
 - Eu que vou saber, minha filha... É um monte de caco, que a Madame até já deixou nos sacos. Prontinho para colocar no lixo, claro.
 - Ah, entendi... – Gustavo diz – Mas então, Dona Júlia, a senhora desculpa de novo. Nós vamos colocar tudo na lixeira de novo, pode deixar.
 - Eu acho bom mesmo, que depois o lixeiro passa e não leva. – diz Dona Júlia, voltando para dentro.
- Os meninos recolhem as coisas para dentro da lixeira em silêncio. Gustavo, intrigado, exclama.
- Leninha, ao invés de ir na praça, vamos correndo lá em casa que eu quero procurar uma coisa na internet!
 - Sua mãe vai brigar com você...
 - Não vai não... é rapidinho!

Os dois entram correndo na casa de Gustavo e vão direto para o computador. Dona Ana apenas balança a cabeça, resignada. Gustavo abre a página de busca do Google Imagens e digita: “cerâmica velha”.

- Não, não! Põe ‘antiga’! – Helena opina. Ele faz a alteração. Os dois se assustam com o que veem. As imagens que o buscador sugere são idênticas às que viram na lixeira de Madame Anete.

Os dois vão abrindo páginas sucessivamente e encontram informações também sobre os pedaços de pedras que encontraram. Descobrem que se trata de material lítico, pontas de flecha e artefatos feitos de pedra. Aprendem que se trata de material arqueológico dos Povos Ameríndios, e que alguns daqueles objetos possuem quase 10 mil anos. Gustavo, cada vez mais encantado, não para de comentar sobre aquelas coisas, e abrir página atrás de página, mas de repente, Helena dá um pulo da cadeira, gritando.

- Meu Deus, Gustavo! O lixeiro vai levar tudo embora!!!! – os dois saem correndo desesperados. Gustavo abre a lixeira procurando os pacotes com material arqueológico. Nesse momento, um carro para em frente à casa 07. Madame Anete, uma senhora alta e magra, salta do carro, intrigada, ela caminha até os garotos.

- O que está acontecendo?

As crianças, sem parar de trabalhar, respondem de forma descontraída.

- Material arqueológico!
- Líticos!
- Cerâmica!
- Jogado no lixo!

A mulher fica branca de susto e se debruça também sobre a lixeira para ajuda-los a resgatar os sacos. Enquanto reúnem os sacos, os meninos falam sobre as coisas que acabaram de aprender no computador. Madame Anete sorri encantada para os meninos, que se esforçam para explicar-lhes a importância daquelas

coisas que acabaram de resgatar.

- Meus parabéns, meninos! Vocês salvaram minha pesquisa! – a mulher exclama.

- A sua pesquisa? – é quando Gustavo reconhece a dona da casa 07, que ele sempre achara ‘estranha’. – Ei, você é a Dona Anete! Esses objetos vieram da sua casa...

- Sim. Eu me chamo Anete*, e sou arqueóloga. Esses sacos são da última pesquisa que fiz, no Litoral Paranaense. Havia deixado tudo sobre a bancada de meu laboratório, para terminar de catalogar quando voltasse. Acho que minha diarista achou que fosse lixo e jogou tudo fora. Não fosse vocês terem descoberto isso, poderia ter perdido tudo para sempre. E quem ia perder não seria só eu, pois estas peças irão para o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR ao final de minha pesquisa.

- Puxa!!! – os dois respondem juntos.

As crianças, juntamente com Madame Anete, entram em casa com os sacos. Lá dentro, ficam encantadas com o monte de peças que a arqueóloga possui. Ela vai explicando o significado das peças e responde às inúmeras perguntas, mostrando fotografias, livros e mapas. Os meninos ficam fascinados com tudo que a mulher lhes diz. Depois de muitas horas de descobertas e aprendizado, as crianças se despedem da nova amiga.

- Poxa, Dona Anete, que profissão bacana que a senhora tem! – Helena exclama. – Fiquei com vontade de ser arqueóloga quando eu crescer.

- Minha querida, eu aposto que vocês dois poderão ser excelentes arqueólogos! Duas crianças e salvaram minha pesquisa! Nunca poderei agradecer o suficiente! Aliás, como prêmio, eu quero convidar os dois para visitar o museu onde eu trabalho, amanhã, para saber mais sobre o que um arqueólogo faz, e depois iremos tomar um sorvete! Que tal?

- UAU!

- Que legal! Muito obrigada!

- Ótimo, depois eu falo com suas mães para combinar, tá certo?

- Sim!!! – eles respondem juntos.

As duas crianças seguem juntas para casa, eufóricas. Mas no meio do caminho, Gustavo volta correndo para as lixeiras.

- Ué, Gu... O que foi? O que você está procurando aí agora – Helena pergunta. Em resposta, o garoto levanta um saco, triunfante. A menina sorri, com um aceno de aprovação. – vamos lá para casa, minha mãe tem uma cola que vai servir.

E então, pelo resto daquela tarde, as crianças se dedicam à tarefa de colar de novo a antiga sopeira da avó de Gustavo.

(Autoria e argumento: Laércio Brochier, arqueólogo do MAE-UFPR que viveu uma situação parecida com a de Madame Anete, quando a empregada de sua casa jogou fora uma ‘cacarada’ muito importante, pensando que fosse apenas lixo. Adaptação em conto: Andréia Baia Prestes, antropóloga, responsável pelas Ações Educativas do MAE-UFPR)

*Neste texto, homenageia-se Annette Laming-Emperaire, professora e arqueóloga, que foi pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) da França e se dedicou à Pré-História, especialmente ao estudo da arte rupestre da Europa Ocidental, sob orientação de André Leroi-Gourhan. Com seu marido, o etnólogo e arqueólogo Joseph Emperaire, trabalhou em sítios na América do Sul, sobretudo na Patagônia chilena e no Brasil. Ela liderou nos anos 1970 a missão arqueológica franco-brasileira na região de Lagoa Santa, MG. Durante as escavações na gruta da Lapa Vermelha IV, Annette desenterrou o mais antigo fóssil humano do Brasil e possivelmente o mais antigo de todas as Américas, com cerca de 11,5 mil anos. O fóssil recebeu o apelido de ‘Luzia’.

Annette Laming-Emperaire faleceu em 1977, em Curitiba. Em sua homenagem, foi criado em 1983 o "Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire" na cidade de Lagoa Santa-MG.

Adendo: “Se as nossas lixeiras falassem!”

Como vemos no conto acima, as lixeiras podem falar muito sobre quem somos, sobre nossas preferências, profissões, etc. No lixo, também são encontradas uma série de coisas que podem ser recicladas e

transformadas em novos objetos. Peça a seus alunos para anotar as coisas que vão para o lixo em suas casas e comparar com a dos colegas. Sugira-lhes que opinem sobre o que poderia ser reciclado daquilo que é descartado.

Sugira, ainda, (ou alternativamente), uma pequena pesquisa sobre o Sistema de Coleta de Lixo municipal, na qual procurem levantar dados como volume do lixo coletado, destinação, quantidade de lixo reciclado, empresas que trabalham com reciclagem, etc.

Por fim, proponha a construção de objetos reciclados baseados no lixo descartado em suas casas. Organize uma pequena exposição (em sala, ou para as outras turmas) das peças confeccionadas por cada aluno.

Atividade 17: Um passeio na mata, e um encontro inesperado. (Conto “Macunaíma e o Curupira”)

No conto “Macunaíma e o Curupira” acontece um encontro entre um personagem literário e uma figura do folclore brasileiro. Estes encontros também acontecem nas histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo de Monteiro Lobato, onde Emília, Narizinho e seus amigos convivem com o Saci, a lara e outras figuras que povoam as histórias populares há gerações. Isto tem relação com o fato de que tanto Monteiro Lobato quanto Mário de Andrade têm ligações com o Modernismo, movimento literário que procurava exaltar a cultura nacional brasileira, em contraposição a elementos estrangeiros. Fale a seus alunos um pouco mais sobre o Modernismo, ou sugira-lhes uma pesquisa a este respeito. Depois, peça para seus alunos imaginarem uma história que tenha como personagens eles próprios e alguma figura do folclore brasileiro, que irão se encontrar no meio da mata. Eles deverão imaginar o que foram fazer na floresta, e com quem irão se encontrar, e o que irá acontecer neste encontro.

É possível também dividir a turma em duplas, que irão encenar uma pequena peça sobre o encontro. Sugira-lhes que o aluno que for representar a figura do folclore procure se caracterizar com roupas e maquiagem.

Atividade 18: Criação do Mundo. (Contos “Os Kaingang: origem do povo, a criação dos animais, a origem dos nomes das pessoas e o destino das almas” e “O Fogo da Onça”.)

No conto “Os Kaingang...”, lemos a história da formação do mundo, de acordo com a visão particular desta etnia. No conto “O fogo da Onça”, temos uma história que mostra a concepção dos Kayapó a respeito do processo de aquisição de capacidades humanas por parte de seu herói cultural (quando deixa de comer carne crua e passa a usar instrumentos de caça). Converse com seus alunos a respeito das diversas concepções acerca da criação do mundo, e sobre como existem algumas lendas que procuram explicar a origem das pessoas e das coisas. Apresente-lhes alguns desses mitos. Sugira-lhes que escolham um elemento (fogo, água, os raios, etc), e criem uma lenda sobre a origem daquilo que escolheram. Estimule-os a elaborar uma forma de apresentar criativamente sua lenda para a turma.

Atividade 19. Tema: Pintura corporal (Etnologia)

A pintura corporal é um elemento muito importante da cultura indígena. Entre os Karajá, por exemplo, as elaboradas formas gráficas que eles utilizam contêm informações tais como gênero, idade, estado civil, status social e até mesmo o ofício de cada pessoa que a utiliza. Peça a seus alunos para providenciarem bandejas de isopor usadas, dessas que são vendidas em mercados com frios. Deverão lavar as embalagens e trazer para trabalharem, criando uma matriz para fazerem tatuagens.

Faça cópia das imagens abaixo, ou oriente os seus alunos a procurarem fotografias na internet de pinturas corporais indígenas, ou outras imagens que eles gostariam de ter pintadas no corpo. A imagem escolhida deverá ser reproduzida em um papel que será utilizado para marcar o isopor. Para isso, poderá ser usada uma caneta de ponta seca.

Colocando a imagem sobre o isopor, eles deverão refazer os contornos, utilizando uma caneta e fazendo pressão para, com isso, marcar no isopor. Finalizada a marcação, a folha deverá ser retirada. Oriente-os para que refaçam o processo de marcação agora diretamente no isopor, até que consigam furar o isopor. (Observação: caso seus alunos tenham idade o suficiente, oriente-os a fazer o corte com um estilete!)

Com a matriz pronta, é hora de fazer a tatuagem. Oriente-os à escolha da cor da tinta guache (ou outro tipo de tinta atóxica que possa ser utilizada na pele). A matriz deverá ser colocada sobre a pele, no local escolhido. Então, com o pincel ou um rolinho, aplicarão a tinta que passará para a pele, formando o desenho.

Alternativamente, a mesma técnica pode ser utilizada para a impressão em tecido, como se fosse uma matriz de serigrafia, mas neste caso, deverá se utilizada tinta própria para este fim. Neste caso, sugerimos que cada aluno seja orientado a trazer uma camiseta lisa para fazer o trabalho. Lembre-os de que na hora de fazer a aplicação deverão colocar uma proteção interna na camiseta, para não manchar o outro lado.

Exemplos de grafismos Karajá:



Arqueo-Caçada

Para as próximas atividades, sugerimos que você faça cópias das cruzadinhas para cada um dos alunos, ou faça a brincadeira coletivamente, projetando em slides para que todos possam participar.

1. Encontre algumas palavras que ilustram o universo dos sambaquis:

S A M B A Q U I E I R O S S P
A O E R C O B Y J A L Ã E O E
Z S S C O A Z W Y L Í V P J S
F T A S G Ã V N K M T R U E C
O R P R O M G P K D I A L U A
G A E F E S I I A F C C T G D
U E A E P B B O B A O O A N O
E T N E D E D O G R A S M A R
I N I E C L I M K I E A E R E
R K V R J G A X T Z K B N A S
A W R N I R Z B E S K V T C N
G N O P I S X C E G G Y O S I
Q Q C S M O Ã R A M A C S B U
A N C H O V A K O Q X L T N X
T O N R R M Z O Ó L I T O Q D

ALMOFARIZ
BERBIGÃO
CARVÃO
LÍTICO
OCRE
PEIXE-GALO
SARGO-DE-DENTE
ZOÓLITO

ANCHOVA
CAMARÃO
CORVINA
MARES
OSSOS
PESCADORES
SEPULTAMENTOS

BAGRE
CARANGUEJOS
FOGUEIRA
MARISCO
OSTRA
SAMBAQUIEIROS
SIRI

2. Arqueologia Perdida

Ajude o arqueólogo a encontrar as palavras listadas abaixo no emaranhado de letras:

SAMBAGUI

ACORDELADO

LASCA

VASILHA

BIFACE

FOGUEIRA

PONTA DE FLECHA

SEPULTAMENTO

				L	T	A	M	E	N	T	O	X
A	C	O	R	D	E	L	A	D	O	A	D	I
M	W	E	R	T	H	A	F	V	E	U	O	O
B	A	S	E	T	O	S	N	G	E	V	V	H
A	J	B	I	F	A	C	E	U	D	A	F	G
Q	S	A	B	O	S	A	C	R	E	S	S	L
U	E	R	N	G	M	Q	U	I	S	I	D	A
I	V	X	Z	U	S	A	M	T	A	L	T	D
U	T	S	R	E	Q	P	O	N	M	H	U	O
P	O	N	T	I	E	R	R	E	L	A	M	F
M	E	L	G	R	U	R	A	S	D	E	R	E
P	O	N	T	A	D	E	F	L	E	C	H	A

3. Arqueo-Cruzada

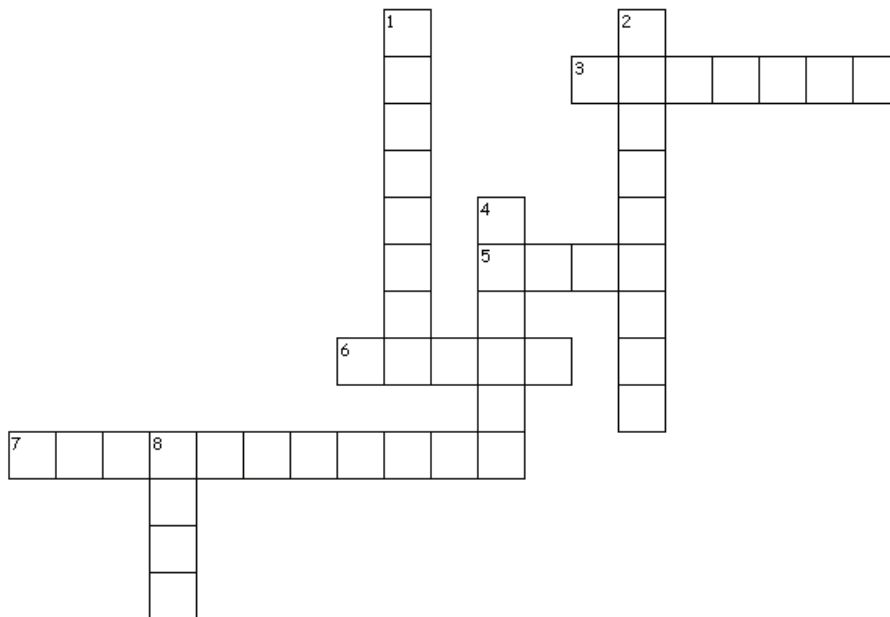
Vamos testar seus conhecimentos? Leia atentamente as dicas abaixo e com base no que aprendeu preencha a cruzadinha.

Horizontal

3. Escultura representando um animal feita em pedra encontrada nos sambaquis do Sul do Brasil.
5. Pigmento mineral utilizado na pré-história.
6. Produto resultante do lascamento de rochas.
7. Ciência que estuda as relações culturais e sociais dos diversos grupos humanos que viveram no passado, através da cultura material.

Vertical

1. Decoração cerâmica feita com as unhas.
2. Técnica de trabalho em rocha.
4. Vestígio utilizado para construção do sambaqui.
8. Tradição arqueológica de caçadores-coletores do sul do Brasil famosa pelas pontas de flecha.



4. Cripto-Arqueograma

Desvende a palavra e descubra um belo objeto confeccionado pelos habitantes do litoral Sul brasileiro, e depois descreva para sua turma sobre os motivos pelos quais eram fabricados.

a	b	c	d	e	f	g	h	i
α	β	γ	δ	ε	ϕ	γ	η	ι
j	k	l	m	n	ο	p	q	r
φ	κ	λ	μ	ν	ο	π	θ	ρ
s	t	u	v	w	x	y	z	
σ	τ	υ	ϖ	ω	ξ	ψ	ζ	

ζ ο ο λ ι τ ο σ

Bibliografia geral

ALBISETTI, Cesar; VENTURELLI, Angelo Jayme. Enciclopédia Bororo. v. I. Campo Grande: Instituto de Pesquisas Etnográficas, 1962

AZEVEDO, Fernando Corrêa de. O Boi-de-Mamão do litoral paranaense. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, n. 6, 1963.

BARCELOS NETO, A. A cerâmica wauja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16. 2005-2006.

CAVALCANTI, Maria Laura. Cultura e Saber do Povo: uma perspectiva antropológica. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 147, p. 69-78, 2002.

CENTRO Nacional de Folclore e Cultura Popular. Tesouro de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=30>. Acesso em 30/11/2012.

CHANG, Whan. Ritxoko: A voz visual das ceramistas Karajá. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2010.

CHMYZ, Igor. A tradição Tupiguarani no litoral do Estado do Paraná. Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes. Curitiba, 2002, pp. 71-95.

COLBACCHINI, A. & ALBISETTI, C. Os Boróros Orientais. Orarimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso. Companhia editora Nacional. 1942.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. História, São Paulo, v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011.

FRANCO NETO, João Veridiano. Xamanismo Kalapalo e assistência médica no alto xingu: estudo etnográfico das práticas curativas. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2010.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Boi-de-mamão no litoral paranaense: que tradição é essa? In: VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Anais... Curitiba: Embap, 2011.

GASPAR, Maria Dulce. Sambaqui. Coleção Descobrimos o Brasil, Editora Jorge Zahar Editor, 2000.

GIANNINI, I. V. Ornamentos, cantos e coreografias: expressões da cosmovisão xikrin. In: SILVA, Fabíola A.; GORDON, César. Xikrin. Uma coleção etnográfica. São Paulo. EDUSP, 2011.

GORDON, César. "Em nome do belo: o valor das coisas xikrin-mebêngôkre" In: SILVA, Fabíola A.; GORDON, César. Xikrin. Uma coleção etnográfica. São Paulo. EDUSP, 2011.

GREGOR, Thomas. Mehináku: O drama diário de uma aldeia do Alto Xingu. São Paulo: Ed. Nacional/INL, 1982.

GUIDON, Niède, et al. Le plus ancien peuplement de l'Amérique: le paleolithique du Nordeste brésilien. Bulletin de la Société Pré-historique Française. T. 91; n. 4. Paris, 1994. p. 246-250.

HOBSBAWN, Eric. "A Invenção das tradições". In: Hobsbawn E. & Ranger T. (orgs.) A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. pp.9-23.

HOFFMANN, Jeani. Percepção de jovens sobre o conhecimento e preservação da culinária típica do Paraná. Revista Varia Scientia, v.10, n. 17, p. 99-113, 2010.

- HORTA, M. L. P; GRUNBERG, E; MONTEIRO, A. Q. Guia básico de Educação Patrimonial. 3. ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006, 68 p.
- LODY, Raul. Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma Abordagem Tecnológica para o Estudo do Povoamento Pré-Histórico do Planalto Central do Brasil. Revista Habitus, Goiânia, v.4, n.2, 2006. p. 685- 710.
- MACEDO, Concessa Vaz de. A produção artesanal de fios e tecidos em Minas Gerais. Uma indústria Feminina de Vanguarda na Economia Mineira do século XIX. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MACHADO, A. S; HAIGERT, C. G; POSSEL, V. R. Cultura material, Educação Patrimonial e ensino de História: uma parceria possível. In: SOARES, André Luis Ramos (org.) et al. Educação Patrimonial: relatos e experiências. Santa Maria: UFSM, 2003, p. 43-52.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica. Curitiba: SEED, 2006.
- PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- PROUS, André. O Brasil Antes dos Brasileiros: A Pré-História do nosso País. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- RAMOS, Alcida Rita. Memórias Sanumá. Espaço e tempo em uma sociedade yanomami. Brasília: Marco zero/ Ed. UNB, 1990.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueologia, teorías, métodos y práctica. Madrid: Ediciones Akal, 1993.
- SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luiz Donizete B. A temática indígena na escola – novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (org.) Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Fapesp/Global/Mari, 2001.
- SILVA, Valdir Luciano Pfeifer da. As Congadas em São Paulo: Canções, Narrativas e Palavras. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2009.
- TORAL, André Amaral. Cosmologia e sociedade karajá. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1992.
- TURNER, Terence. Social body and embodied subject: bodiliness, subjectivity, and sociality among the Kayapo. Cultural Anthropology, v. 10, n. 2, pp.143-170, 1995.
- VIEIRA, Padre Antonio. História do Futuro, vol. I. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000253.pdf>> Acesso em 27/11/2012.
- VILHENA-VIALOU, Águeda. (Org). Pré-história do Mato Grosso, v.1: Santa Elina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Mana, v. 2, n. 2, 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é. Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf> Acesso em 30/11/2012.

Sugestões de leitura para o professor

CARNEIRO DA CUNHA, M. História dos índios no Brasil. São Paulo: FAPESP / Companhia das Letras, 1992.

CENTRO Nacional de Folclore e Cultura Popular. Tesouro de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=30>. Acesso em: 30/11/2012.

Documentário produzido para a Exposição “No Ritmo do Fandango”, do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dllvbC3CA7I>>. Acesso em: 30/11/2012.

Documentário produzido pelo Governo de Pernambuco em 2009, pelos 100 anos de nascimento do mestre Vitalino. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FqW2ZTuP0rk>>. Acesso em: 30/11/2012.

FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia. São Paulo. Contexto, 2003.

GASPAR, Maria Dulce. Sambaqui. Coleção Descobrindo o Brasil, Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editor, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. Arte Rupestre no Brasil. Coleção Descobrindo o Brasil, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LODY, Raul. Dicionário de arte sacra & técnicas afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MELATTI, Julio Cezar. Índios do Brasil. São Paulo: EdUSP, 2007.

NEVES, Eduardo Goes. Arqueologia da Amazônia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PROUS, André. O Brasil Antes dos Brasileiros: A Pré-História do nosso País. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SEEGER, Anthony. Os Índios e Nós: Estudos Sobre Sociedades Tribais Brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luiz Donizete B. A temática indígena na escola – novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (org.) Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Fapesp/Global/Mari, 2001.

Site do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. É possível encontrar vários textos e artigos sobre a Cultura Popular e o Folclore brasileiro, fazer uma visita virtual ao Museu do Folclore Edison Carneiro, além de consultas on-line ao acervo>. Acesso em: 27/11/2012.

Site do Instituto Socioambiental: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Excelentes sínteses sobre o panorama étnico, linguístico e demográfico indígena podem ser encontradas nesta página web. Igualmente, a Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil, disponibilizada nessa página web, informa sobre as características socioculturais e históricas de cada coletivo indígena. Acesso em 27/11/2012.

Avaliação do material

Professor, é muito importante para a equipe do MAE a sua avaliação deste Guia Temático. Com ela poderemos conhecer os limites desta publicação e os pontos em que pode ser melhorada. Pedimos, cordialmente, que preencham e enviem para nós o formulário abaixo, com suas críticas e sugestões. É possível o envio pelo correio (para o endereço da Reserva Técnica) ou via e-mail (maert@ufpr.br), colocando no assunto da mensagem: "Formulário/Guia Temático".

Muito obrigado por contribuir com a melhoria do Programa de Ações Educativas do MAE!

Qual o seu perfil?

1. Escolaridade: Ensino Médio Graduação. Qual? _____
 Especialização Mestrado Doutorado
2. Em que nível leciona? Anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).
 Anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).
 Ensino Médio (incluindo Profissionalizante e Magistério).
3. Qual (is) disciplina(s) leciona? _____.
4. Já visitou o MAE-UFPR? Sim Não
Caso a resposta seja afirmativa, qual das sedes visitou?
 Monumento em Paranaguá. Sala Didático-Expositiva.

Em relação a esse Guia Temático, avalie:

	Muito bom	Bom	Regular	Fraco
1. Apresentação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Pertinência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Conteúdo dos textos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Linguagem dos textos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Atividades sugeridas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Caso queira, justifique suas escolhas em relação aos pontos 1 a 5:

Que contribuições o Guia trouxe para o seu trabalho?

Na sua opinião, o que poderia ser melhorado nesse Guia?

Deixe aqui outras sugestões e comentários que considere pertinentes:



Reserva Técnica do MAE - UFPR
Rua Bom Jesus, 650 - Campus Juvevê
Curitiba - PR CEP: 80035-010



Banco karajá

Entre os Karajá e os Javaé – localizados ao longo do rio Araguaia –, quando chegado o momento de iniciação dos meninos, se realiza o ritual chamado *Hetohoky*, durante o qual são convocados à aldeia os diferentes seres cosmológicos. As visitas desses seres, materializados através das máscaras, acontecem em diferentes intervalos entre agosto e março. O *Hetohoky* inclui rituais, marcados pela festa e a dança, através dos quais se recepciona adequadamente cada um desses seres. Na fase final e culminante se recebem pessoas de outras aldeias. Durante o período final do ritual, os meninos são ricamente enfeitados e levados à praça dos homens. Lá, eles são sentados num banquinho zoomorfo especial, como o que aparece na imagem, chamado *korixà*. O ato físico de sentar no banquinho representa a introdução do menino ao grupo de homens. Com esse banquinho ele é instalado pela primeira vez no interior da Casa Grande, espaço exclusivamente masculino, e onde habitam os seres cosmológicos convocados nas festividades (TORAL, 1992).



Brinco xetá

Um dos enfeites típicos dos Xetá – que foram contatados na década de 1950 na Serra de Dourados (PR) – são os brincos, como o que aparece na imagem. Eram elaborados com as plumagens completas de algumas aves, tais como gaviões, araras, papagaios e tucanos. As meninas os usavam até que passavam pelo ritual de iniciação ao chegar à adolescência; a partir desse momento lhes seriam retirados e já não os usariam mais. Os homens, entretanto, continuavam usando-os durante a idade adulta (KOZAK et al., 1981; SILVA, 1998).



Carcás e pontas de flecha yanomami

O arco e flecha, como para a maioria dos grupos indígenas, é uma das armas usadas nas atividades de caça pelos Yanomami, situados em ambos os lados da fronteira entre Brasil e Venezuela, na região do Orinoco. O carcás é usado pelos homens para carregar as pontas de flecha durante as expedições de caça. Para cada tipo de animal são usadas pontas de flechas com características diferentes. Os Yanomami caçam os mamíferos com pontas de flechas feitas de bambu que têm uma forma larga e achatada, como algumas das que aparecem na imagem. Diferentemente para caçar os pássaros, mais fáceis de serem mortos do que os grandes mamíferos, são usadas flechas com ponta de osso. Dessa forma, se evita que o derramamento do sangue estrague as penas que serão usadas posteriormente para elaborar diferentes tipos de ornamentos. Outro tipo de flecha é a usada para caçar macacos: nesse caso são utilizadas pontas de madeira seccionadas em várias partes, de forma que ao penetrar no corpo do animal se quebrem dentro. Dessa forma, mesmo que o animal tente fugir, a ponta não é expulsa. Ainda, as pontas são cobertas com um tipo de substância alucinógena que provoca o relaxamento dos músculos, de forma que o macaco fica quase paralisado. Dessa maneira, a sua perseguição se torna mais fácil (RAMOS, 1990).



Ponta de Projétil Umbu

Confeccionada em uma rocha silicosa, de morfologia estrelada e dimensões diminutas (cerca de 20mm de comprimento) essa ponta de projétil, utilizada para aumentar o dano causado pelas flechas, é típica de grupos caçadores-coletores meridionais, denominados de Umbu. Possuem suas datações mais antigas próximas aos 8.000 mil anos. Os portadores desta indústria provavelmente ocuparam regiões próximas aos Pinheiros de Araucária.



Lâmina de Machado Sambaquieiro

Conhecido como "lâmina de machado", esse tipo de artefato possui como característica essencial um gume robusto transversal, destinado a trabalhar com golpes, que aumenta sua força, mas em contrapartida diminui sua precisão. Trata-se de um objeto que combina normalmente uma lâmina e um cabo de madeira (que não resiste aos efeitos do tempo), sendo a lâmina perpendicular ao cabo. Instrumento utilizado principalmente para cortar objetos, como troncos de árvores. Amplamente utilizado pelos grupos agricultores do interior e pelos pescadores construtores de Sambaqui no litoral, essa peça foi confeccionada em uma rocha basáltica, comum em regiões litorâneas. Associado à ocupações sambaquieiras, este artefato tem datação entre 6.500 e 1500 anos A.P. (antes do presente).



Urna Funerária Tupiguarani

Este vasilhame cerâmico pertence à tradição Tupiguarani. É uma urna funerária decorada com padrões geométricos (ondas, retângulos e cruzes) de maneira regular e repetitiva. Os arqueólogos procuram decodificar os desenhos das pinturas nas cerâmicas Guarani, associando-os aos ritos de morte e mitos de criação dessa cultura. Associada à ocupações Tupiguarani, esta urna tem datação entre 2.500 e 500 anos A.P. (antes do presente).



Carro de Bois

Esta peça faz parte da coleção Mestre Vitalino, recebida pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR no ano de 1962, pouco antes da morte do escultor, falecido em 20 de janeiro de 1963 em Caruaru (PE), mesma cidade de seu nascimento. O carro de bois é bastante representativo da obra de Vitalino, que começou sua arte modelando bois. Eles, segundo seus críticos, seriam a sua melhor e mais característica forma de escultura.



Viola de Fandango

Viola de fandango produzida em caixeta, originária de Paranaguá. Os instrumentos são feitos artesanalmente, na casa dos mestres fandangueiros. Corta-se a madeira, que é esculpida no formato desejado, lixada, e finalizada com a colocação das cordas. As rabecas também são produzidas artesanalmente e, assim como a viola, podem ser feitas em fôrma ou então cavoucando a madeira. Os adornos dos instrumentos são feitos com a técnica da pirografia e o número de cordas utilizadas pode variar de uma região para outra.



Caixas Didáticas

As Caixas Didáticas constituem um dos principais produtos desenvolvidos pelas Ações Educativas do MAE-UFPR. Seu objetivo é levar o acervo do museu para fora dos seus muros, possibilitando acesso e contato com peças que compõem nossas coleções, e a inusitada experiência de manipular as mesmas. Entendemos que esta experiência amplia a possibilidade interativa, e incentiva a visita a espaços museológicos.

Cada Caixa Didática é elaborada seguindo um tema e, dentro deste tema, é elaborado um texto de apoio para que o professor conduza a apresentação da caixa. Além do texto de apoio, a caixa segue com um catálogo das peças apresentadas, bem como três propostas de atividades para os alunos. Estas atividades têm diferentes graus de complexidade, e caberá ao professor escolher aquela que mais se encaixa ao perfil de seus alunos. (Em tempo, cabe observar que o professor tem toda a liberdade de criar outras atividades para além daquelas propostas).

Na imagem, vemos o Kit Didático "Paraná na Caixa", vinculado às áreas de Etnologia Indígena e Cultura Popular. Esta Caixa nos convida a um passeio pelo Paraná plural, no que tange aos muitos povos que constituem esse Estado, através das manifestações culturais, da alimentação, das tradições, etc. Assim, a Caixa apresenta peças e informações sobre as três etnias indígenas presentes no Estado (Guarani, Xetá e Kaingang) e também sobre elementos de festividades da Cultura Popular, como a Congada da Lapa e o Fandango Paranaense, convidando os alunos a trazerem para a sala de aula elementos tradicionais de sua comunidade ou de sua família, como receitas culinárias, narrativas míticas e músicas.

A retirada e devolução das Caixas é feita na Sala Didático-Expositiva do MAE, dentro do horário de funcionamento (segunda à sexta das 9h às 12h e das 13h às 18h). Recomendamos telefonar antes para verificar a disponibilidade das Caixas, bem como para agendar sua retirada.



Jogo de Xadrez da Congada

Todas as peças desse xadrez foram individualmente confeccionadas em biscuit (porcelana fria).

As peças do Rei, Rainha, Bispo e 'Conguinhos', que compõem o Exército do Congo são caracterizadas em conformidade com trajes tradicionais da Festa da Congada, existentes no acervo de Cultura Popular do MAE-UFPR. A Torre do Congo é uma representação da Igreja de São Benedito da cidade da Lapa-PR, santo a cujo culto está ligado o festejo.

O Exército de Ginga (Angola) foi caracterizado com trajes que remetem à tradição africana, do uso de peles de animais e plumárias para adornar-se. A Torre desse exército representa um Baobá, árvore considerada mágica e sagrada na África. Nos dois exércitos, as figuras usuais dos cavalos foram trocados por animais típicos do Continente Africano.